

Restos humanos de Carenque

Thomas Bubner *

Resumo

O autor descreve os restos humanos do hipogeu n.º 3 de Carenque, situado a cerca de 15 km a NW de Lisboa. Até à data foram postos a descoberto 4 hipogeus, que ainda não estão publicados. A maior parte dos restos humanos em bom estado de conservação pertence ao túmulo número 3. Este espólio é, inegavelmente, datável do Neolítico Final, inícios da Idade do Bronze, sendo os túmulos parte do contexto da Cultura de Vila Nova de S. Pedro.

Foi feita a avaliação da estatura média, a partir de 20 ossos longos, e o estudo detalhado dos crânios. Em relação a estes procedeu-se: à obtenção de medidas e dados segundo o sexo e a idade, ao cálculo dos índices Comprimento-Largura (10 em 13 crânios são dolico ou mesocéfalos) e à sua análise morfológica, que revelou serem todos os crânios extremamente gráceis e pequenos, podendo ser classificados como pertencendo ao estilo *mediterrânico grácil*, embora subdivididos em 2 variantes, verificáveis respectivamente nos crânios 1 (do tipo *paidomorfo mediterrânico*) e 2 (do tipo *atlântico leptomorfo*).

Não se conhecem restos humanos do Neolítico inicial e médio em Portugal. Do Neolítico Final/Calcolítico, porém, conhece-se muito material (*vide bibliografia*), embora os restos humanos datados sejam, até ao momento, em número reduzido. Não obstante, após terem sido estudados 74 crânios do Neolítico final do centro de Portugal, pudemos concluir que 80% dos crânios apresentam índices dolico e mesocéfalos. Comparando estes valores com os da população portuguesa actual pode concluir-se que esta tende para índices menores, isto é, que a partir do Neolítico se verificou uma dolicomorfização contrastando com a braquiomorfização observada no centro da Europa.

* Museu Municipal Dr. Calado Rodrigues, P-6120 Mação, Portugal

Summary

The author describes the human remains of rock-cut tomb no. 3 of Carenque, located about 15 km Northwest of Lisbon. Up to the present time, four rock-cut tombs, still to be published, have been discovered. The majority of the human remains in good condition of preservation belong to tomb no. 3.

These remains undeniably date back to the Late Neolithic, Early Bronze Age, the tombs being part of the context of the Culture of Vila Nova de S. Pedro.

The average size was evaluated from 20 long bones and detailed examination of the skulls. At this regard, the following was done: measurements and data according to sex and age were obtained, length-width indexes were calculated (10 in 13 skulls are dolichocephalic or mesocephalic) and their morphological analysis was carried out, showing all skulls to be extremely gracile and small, being possible to classify them as belonging to the Mediterranean gracile type, although subdivided into two variants noticeable in skulls 1 (Mediterranean paedomorph type) and 2 (Atlantic leptomorph type) respectively.

There is no knowledge of human remains from the Early and Middle Neolithic in Portugal. However, there is plenty of material on the Late Neolithic/Chalcolithic (see bibliography), although, up to the present, the human remains already dated are few. However, after the examination of 74 skulls from the Late Neolithic in the centre of Portugal, we can conclude that 80% of the skulls show dolichocephalic and mesocephalic indexes. On comparing these figures with those relating to the present Portuguese population, it can be concluded that the latter tends to show lower indexes, i.e. that as from the Neolithic, tendency towards dolichomorphism developed, in contrast with the brachymorphism noted in the Centre of Europe.

1. Introdução

No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia conservam-se os espólios arqueológico e antropológico dos hipogeus de Carenque (concelho de Sintra, freguesia de Belas, aldeia de Carenque). Foi Manuel Heleno¹ o descobridor e escavador destes quatro túmulos subterrâneos, os quais se situam numa das elevações da Serra das Éguas, perto dos Moinhos do Tojal do Casal de Vila Chã, cerca de 1500 m a leste da aldeia de Carenque, assemelhando-se, quer arquitectonicamente, quer quanto ao mobiliário, tanto com os conhecidos hipogeus de Alapraia, como com os do Casal do Pardo (Quinta do Anjo, Palmela).

Seguindo a numeração feita por Manuel Heleno, dispensarei maior atenção ao hipogeu n.º 3, pois dele provém, além de três fragmentos de cerâmica campaniforme, de metade de um braçal de arqueiro e de outros artefactos datáveis no Neolítico Final e no Calcolítico, grande quantidade de restos humanos, como crânios e ossos compridos, o que permite um estudo antropológico, impossível de se efectuar com os restos humanos dos outros três túmulos subterrâneos de Carenque, por estarem em geral demasiado fragmentados.

Descrevem-se, pois, seguidamente, os restos humanos do hipogeu n.º 3².

¹ HELENO, M., *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã — Carenque*, "Congresso Luso-Espanhol 1932", Lisboa, 1933, p. 5-25; idem, *Gruta artificial de Ermegeira*, "Ethnos", II, 1942, p. 5-15.

² Este hipogeu tem uma câmara circular com um diâmetro de c. de 3,50 m. O corredor, orientado para o SSE, tem um comprimento de c. de 8 m. O espólio deste e dos outros hipogeus de Carenque foi só parcialmente publicado: *Cerâmica de importação na Estremadura portuguesa*, Bubner, M. A. Horta Pereira, "Ethnos", vol. VIII, 1979, p. 54 s.; *Das Glockenbechervolk auf der Iberischen Halbinsel*, Freiburg, 1977 (Tese de doutoramento inédita), p. 197 s. Ver também LEISNER, G. e V., "Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen", Berlin, 1956, fig. 40; LEISNER, V., "Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen", Berlin, 1965, p. 80; e FERREIRA, O. da V., "La Culture du Vase Campaniforme au Portugal", Lisboa, 1966, p. 65.



2. Datação e cronologia

Os hipogeus tipo Alapraia podem datar-se do Neolítico Final ao Calcolítico da Estremadura portuguesa. À sua última fase de utilização pertencem os restos da Cultura Campaniforme, que com frequência neles se encontram.

Em Portugal, só no Sul da Estremadura se conhecem, até à data, hipogeus tipo Alapraia, os quais são parte do contexto da Cultura de Vila Nova de S. Pedro³. Esta cultura é contemporânea de outras culturas típicas da fase de transição do Neolítico para a Idade do Bronze na Península Ibérica, como p. ex. a Cultura de Los Millares, a Cultura de Almeria, a Cultura Megalítica Bética, para só mencionar algumas das culturas definidas até à data.

3. Estado actual da investigação

Fazendo o balanço do estado actual da investigação paleontropológica, quer a nível hispânico, quer a nível regional da Estremadura, sublinhamos que até agora há muito poucos estudos antropológicos de restos humanos datados com exactidão. Este facto pode explicar-se de várias maneiras: há épocas das quais, em vastas áreas da Península Ibérica, se ignoram o rito e o lugar de enterramento das várias populações, como é o caso no Neolítico Inicial e Médio; os túmulos colectivos, tais como megálitos, hipogeus ou enterramentos em gruta — i.e., habituais lugares de enterramento colectivo durante o Neolítico Final ou Calcolítico —, foram desde sempre objecto de escavações, não tendo os escavadores prestado maior atenção aos restos humanos.

São assim extremamente raras as publicações de maior número de restos humanos da Pré-história hispânica. Há, porém, excepções, como os trabalhos de Fusté, Hoyos Sáinz ou Alcobé, do lado espanhol, onde a Paleontologia conheceu maior desenvolvimento.

Em Portugal destacam-se os trabalhos de Mendes Correia, que em 1949, juntamente com C. Teixeira, publicou os restos humanos, datados no Calcolítico, da Gruta da Eira Pedrinha, de Xavier da Cunha (1956), que publicou os

³ Ver BUBNER, Th. Die äneolithische Siedlung auf dem Miradouro dos Capuchos, "Madri-der Mitteilungen", 20, 1979, p. 11-42.

restos humanos da Gruta do Carvalho (Aljubarrota), e de Farinha Isidoro (1963; 1964; 1967/68), que publicou o espólio antropológico da Lapa do Bugio. Os espólios arqueológico e antropológico das grutas mencionadas são quase exclusivamente datados no Calcolítico. Nos últimos anos foram publicados os restos humanos, igualmente do Calcolítico, da Cova da Moura (G. Gallay e K. Spindler, 1970) da Gruta do Carvalho (Turquel; Bubner, 1976) e dos hipogeus do Casal do Pardo (Bubner, 1979).

Os resultados destas publicações, em termos práticos, ficaram escassos, pois à parte o reconhecimento dos principais tipos raciais⁴, pouco se fica a saber da quantidade de indivíduos enterrados em cada monumento, da idade e correspondente esperança média de vida, de doenças e de outros pormenores interessantes. Em resumo, sabemos até agora pouco ou nada acerca dos fabricantes dos objectos, ou dos portadores das culturas, que os pré-historiadores estudam.

Acerca dos tipos raciais, que habitaram o solo de Portugal, M. D. Garralda (1973) distingue quatro tipos humanos entre as populações do Neolítico Final, Calcolítico e do início da Idade do Bronze:

1 — o tipo *mediterrânico grácil*;

2 — o tipo *mediterrânico robusto*;

3 — *dolicocéfalos* do tipo encontrado nos concheiros ribatejanos, também chamado por Mendes Correia "*Homo afer taganus*";

4 — *braquicéfalos plano-occipitais* relacionados com a Cultura Campaniforme, os quais mostram um hipsicrânio com acentuada braquicefalia, como melhor se vê no crânio de Carvalho⁵.

Os crânios que serviram de base para estas conclusões acerca dos tipos raciais, só raramente foram publicados, e só excepcionalmente se publicaram desenhos feitos com precisão, facto que dificultou, e até impediu os intentos de comparação. Será, portanto, um dos objectivos deste trabalho, apresentar todos os crânios, inclusive calotas, desenhados às quatro normas. Serão estes desenhos a principal base para as deduções a tirar.

Recorde-se, finalmente, que na Península Ibérica é raro encontrar uma estação do Neolítico, Calcolítico ou Idade do Bronze, que tenha fornecido tantos crânios e outros restos ósseos como o hipogeu n.º 3 de Carenque, pelo que adquirem os restos humanos, analisados aqui, um valor especial. Em Portugal, só a jazida calcolítica da Gruta da Eira Pedrinha superou, em número de crânios, o hipogeu n.º 3 de Carenque⁶.

⁴ MENDES CORRÊA, A., "Os Povos Primitivos da Lusitânia", Porto, 1924; GARRALDA, M. D., *La población del Neolítico y Calcolítico de Portugal en relación con las del resto de la Península Ibérica*, "Actas das II Jornadas Arqueológicas", Lisboa, 1973, p. 115-132.

⁵ BUBNER, Th., *Acerca de la población campaniforme de la Península Ibérica*, "Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense", 3, 1976, p. 62 s.

⁶ Acerca da gruta da Eira Pedrinha ver MENDES CORRÊA, A., e TEIXEIRA C. *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha*, Lisboa, 1949. Os autores descrevem cerca de 30 crânios e calotas, e publicam 12 deles em fotografias. Na Espanha, só a gruta do "Monte de la Barsella" (Alicante), com material do Calcolítico — *Excavaciones en el Monte de la Barsella, término de Torremanzanas, Alicante*, "Memórias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades", 2, 1929 e 1931,

4. Conclusões

As conclusões a tirar do material ósseo descrito são limitadas, devido principalmente ao estado fragmentário do material-base. Certos aspectos, tais como a mortalidade, a quantidade de indivíduos enterrados no hipogeu n.º 3 de Carenque e as doenças, ou ferimentos, de que padeciam, só podem ser abordados parcialmente. Em contrapartida discutiremos com maior profundidade a altura média e certos aspectos da tipologia racial.

4.1. Altura média

A altura média foi calculada, quanto aos ossos compridos, segundo as várias fórmulas usuais. É facto conhecido que os resultados referentes aos fémures são de maior confiança do que os resultados restantes⁷, pelo que, para calcular a altura média, utilizamos unicamente as medidas destes.

Altura média dos homens, segundo:

Pearson: 1,545 m

Manouvrier: 1,515 m

Breitinger: 1,585 m

Lorke: 1,535 m

Altura média das mulheres, segundo:

Bach: 1,59 m

Pearson: 1,50 m

Manouvrier: 1,51 m

Lamentavelmente dispomos apenas de dois fémures ♂, e de três fémures ♀, pelo que estes valores médios são de pouca confiança. Apesar das limitações dos resultados obtidos pela medição dos ossos compridos restantes usaremos também as medidas dos úmeros e das tíbias. Obtêm-se, pois, os seguintes valores de altura média, referentes à totalidade dos ossos compridos de Carenque 3:

Altura média dos homens, segundo:

Pearson: 1,561 m

Manouvrier: 1,551 m

Breitinger: 1,607 m

Lorke: 1,531 m

Madrid, e a Necrópole de San Quirze de Galliners (Barcelona), pertencente à *Cultura de las Tumbas de Fosa* (FUSTÉ ARA, M., *Cráneos procedentes de la necrópolis de San Quirze de Galliners (Barcelona). Contribución al problema de los "Negróides" neolíticos*, "Instituto Bernardino de Sahagún", 12, 1953, p. 7-70), datada do Neolítico Final, forneceram um número aproximadamente igual ou superior de crânios.

⁷ D. Breul, *Methoden der Geschlechts-, Körperlängen- und Lebensaltersbestimmung von Skelettfunden, Arbeitsmethoden der medizinischen und naturwissenschaftlichen Kriminalistik*, Bd. 12, Lübeck 1974, p. 74.

Altura média das mulheres, segundo:

Bach: 1,578 m

Pearson: 1,511 m

Manouvrier: 1,533 m

Comparando os valores médios, referentes unicamente aos fémures, com os referentes a todos os ossos compridos, constata-se que não é possível aceitar os valores baixos dos fémures, pois parece altamente improvável que os homens tivessem uma estatura tão baixa e que a diferença de estatura entre homens e mulheres, a qual costuma ser de c. de 10 cm, fosse só de 3 centímetros. A causa deste erro evidente pode estar no pequeno número de fémures.

Esta circunstância obriga-nos, portanto, a alargar tal prevenção aos restantes ossos compridos, obtendo, mesmo assim, um ponto de partida bastante limitado, pois, como se sabe, é arriscado calcular médias, quando apenas dispomos de dez valores para homens e de nove para as mulheres.

Quanto aos homens, obteve-se a média de 1,56 m (seg. Pearson), o que resulta nitidamente inferior ao valor indicado por M. D. Garralda⁸, que dá como média 1,62 m, baseando-se nos valores obtidos sobre 67 ossos compridos, provenientes de seis estações da Estremadura e da Beira Litoral⁹. Note-se que quatro ossos compridos, de sexo ♂, dos hipogeus do Casal do Pardo, em Palmela, permitiram calcular uma altura média para os homens, segundo a fórmula de Pearson, de 1,64 m¹⁰, valor esse, que se aproxima muito mais dos resultados de M. D. Garralda.

Quanto à altura das mulheres, foi obtida uma altura média de 1,506 m¹¹, referente a nove ossos compridos de Carenque. M. D. Garralda¹² calculou uma altura média de 1,515 m, referente a vinte e quatro ossos compridos do Calcolítico. Em cinco ossos compridos dos hipogeus do Casal do Pardo obtivemos¹³ a altura média de 1,57 m. Mendes Correia, no seu trabalho acerca dos restos humanos da Gruta da Eira Pedrinha, calculou, por seu lado, a altura média dos homens, atribuindo-lhe 1,59 m, e a das mulheres 1,51 m.

Comparando estes vários resultados, parece que a altura média das mulheres, na Estremadura e na Beira Baixa, durante o Calcolítico, não ultrapassaria 1,51 m, e só no extremo sul da Estremadura, mais concretamente na Península de Setúbal, parece ter alcançado 1,57 m.

A altura média dos homens, em contrapartida, é mais complexa: na Estremadura e na Beira Litoral variava entre 1,56 m e 1,62 m, e só na Península de Setúbal se encontra uma estatura média de 1,64 m.

⁸ GARRALDA, M. D., *op. cit.* (nota 4), p. 124.

⁹ Gruta da Eira Pedrinha, Grutas de Cascais, Hipogeus de S. Pedro de Estoril, Hipogeus de Carenque, Gruta de Carvalhal de Aljubarrota e Lapa do Bugio.

¹⁰ BUBNER, Th., *Restos humanos do Casal do Pardo — Palmela*, "Ethnos", VIII, 1979, p. 87-105.

¹¹ Para calcular a estatura usamos sempre a fórmula de Pearson, para assim facilitar uma comparação com os resultados de GARRALDA, M. D.

¹² *Op. cit.* (nota 4).

¹³ *Op. cit.* (nota 10).

Resumindo: no Norte da Estremadura e na Beira Litoral, as mulheres teriam uma altura média de 1,51 m, os homens de c. de 1,60 m, verificando-se unicamente no Sul da Estremadura uma altura média que ultrapassaria em c. de 5 cm os valores indicados ¹⁴.

Resumimos os resultados seguinte:

QUADRO 1

AS POPULAÇÕES CALCOLÍTICAS E A SUA ALTURA MÉDIA, SEGUNDO OS VÁRIOS AUTORES. À DIREITA O NÚMERO TOTAL DE OSSOS QUE FOI EM CADA CASO A BASE DE ESTUDO

Nome da estação	Autor	Altura média		Total de crânios	
		♂	♀	♂	♀
Gruta da Eira Pedrinha	Mendes Corrêa (1949)	1,59 m	1,51 m	38	20
Lapa do Bugio	Farinha Isidoro (1964)	1,69 m	1,58 m	4	1
Estações diversas	Garralda (1973)	1,62 m	1,51 m	67	24
Hipogeus do Casal do Pardo	Bubner (1979)	1,64 m	1,57 m	4	6
Hipogeu 3 de Carenque	Bubner (1982)	1,56 m	1,51 m	8	10

4.2. Idade e mortalidade

Os restos ósseos analisados provam que pessoas de ambos os sexos foram sepultadas nos hipogeus de Carenque. Sabemos que foram pessoas de todas as idades, porém os restos ósseos de crianças só esporadicamente se conservaram, quer como consequência das condições do solo, quer em virtude da sua fragilidade. Torna-se assim difícil, para não dizer impossível, determinar mesmo aproximadamente o número de indivíduos sepultados no hipogeu 3. Devem ter sido muitas dezenas, a julgar pela quantidade de achados arqueológicos e pelo número de restos ósseos. Por estas razões não nos foi possível determinar a mortalidade desta população.

Acerca da esperança média de vida de cada indivíduo que entrou na adolescência, é-nos possível indicar os seguintes números que dizem respeito aos portadores da Cultura de Vila Nova de S. Pedro, baseando-nos nos crânios atrás descritos, e nos crânios dos hipogeus do Casal do Pardo:

QUADRO 2

A MORTALIDADE

Nome da estação	Total de crânios	Adolescência	Idade adulta	Maturidade	Senilidade
Carenque 3	17	4	5	6	2
Casal do Pardo	4	1	1	2	—
Total	21 (= 100%)	5 (= 24%)	6 (= 28%)	8 (= 38%)	2 (= 10%)

¹⁴ Os resultados do trabalho de ISIDORO, A. FARINHA, *Estudo do espólio da gruta neo-eneolítica do Bugio — Sesimbra*, "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", XIX, 1964, p. 221-284, confirmam esta conclusão, embora o número pequeno de ossos compridos de que dispunha para o seu estudo não permitisse, então, chegar às conclusões aqui propostas.

Segundo estes números, como vemos, quase um quarto de todos os adolescentes morreram antes de entrar na idade adulta, e 37% de todos os adultos não alcançaram a maturidade, e só 20% dos indivíduos na fase da maturidade viveram até a senilidade, ou seja: 52% de todos os adolescentes não ultrapassariam os 30 anos.

Acerca da esperança média da vida dos adultos resumimos portanto como segue:

QUADRO 3
A ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA

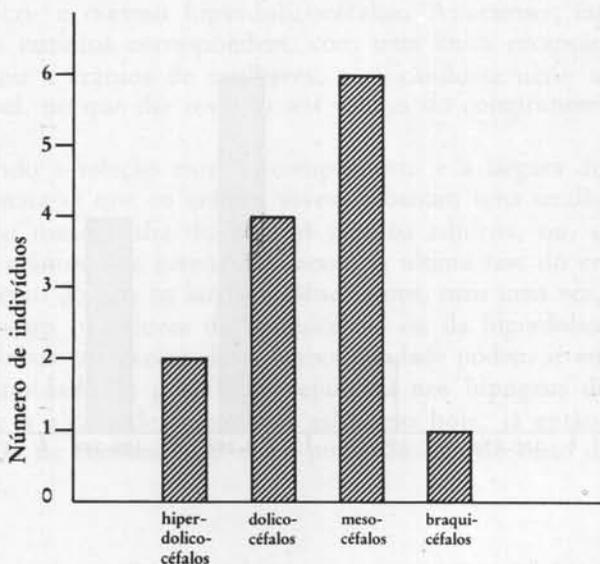
Nome da estação	Total de crânios	Idade adulta	Maturidade	Senilidade
Carenque 3	13	5	6	2
Casal do Pardo	3	1	2	—
Total	16 (= 100%)	6 (= 37%)	8 (= 50%)	2 (= 13%)

Estes números estão dentro dos valores usuais da esperança média de vida das populações europeias do início da Idade do Bronze ¹⁵

4.3. Tipologia racial

À primeira vista, os 17 crânios mostram nas suas formas uma grande homogeneidade.

GRÁFICO 1
OS CRÂNIOS E O ÍNDICE CEFÁLICO



¹⁵ HEBERER, G., KURTH, G. e SCHWIDETZKY-ROESING, I., *op. cit.* (nota 9), p. 155.

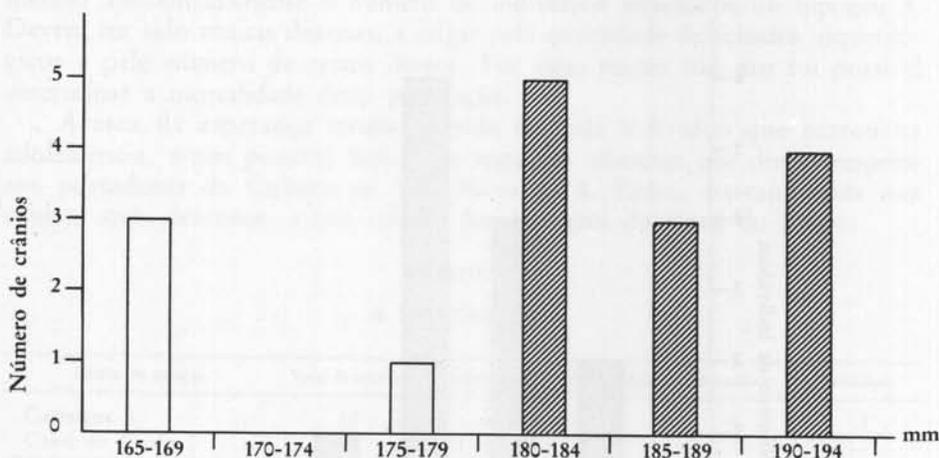
As medições confirmam igualmente a nossa impressão de homogeneidade, embora não com a clareza desejada. Os crânios são, na sua maioria absoluta, dolico- e mesocéfalos, o que se demonstra no gráfico 1.

O único crânio com índice braquicéfalo, o n.º 15, é, nas suas proporções e formas, igualmente comparável ao resto da série, i.e., não se trata aqui de um outro tipo humano. Este facto, relacionado com o problema da presença ou intrusão de braquicéfalos no fim do Neolítico ou no Calcolítico na Europa, é muito importante. Sabemos pelos achados de restos da Cultura Campaniforme no hipogeu n.º 3 que é possível encontrar crânios característicos dos portadores da Cultura Campaniforme, porém, não nos foi possível detectá-los, só julgando pela forma do crânio.

Não pensamos, porém, que isso signifique que não tenha havido entre a gente campaniforme que penetrou em Portugal, os característicos plano-occipitais¹⁶. Isso significa, antes de mais nada, que a percentagem desses plano-occipitais era muito pequena, e que a grande maioria da gente campaniforme não se distinguiria, do ponto de vista antropológico, dos indígenas¹⁷.

Não se chega, no que toca a medidas absolutas, imediatamente a uma clara conclusão. Verificam-se aí, no que respeita as medidas do comprimento e da largura máximas, grandes diferenças (gráficos 2 e 3). Porém, à parte os crânios juvenis, constata-se que, como é lógico, os crânios não-adultos mostram valores inferiores aos crânios adultos. Assim podemos generalizar:

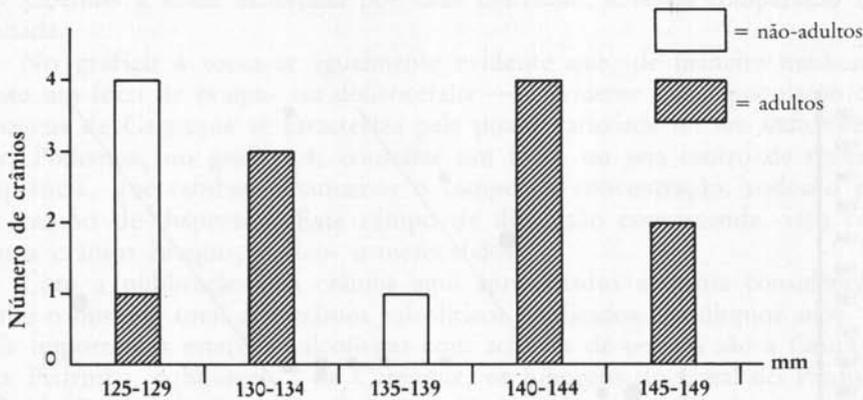
GRÁFICO 2
COMPRIMENTO MÁXIMO DOS CRÂNIOS



¹⁶ No nosso trabalho comprovamos a presença de crânios plano-occipitais em Portugal no Calcolítico. Ver *op. cit.* (nota 5).

¹⁷ GERHARDT, K. (*Die Glockenbecherleute in Mittel- und Westdeutschland*, Stuttgart, 1953) comprovou isso na sua análise dos portadores da Cultura Campaniforme na Alemanha.

GRÁFICO 3
LARGURA MÁXIMA DOS CRÂNIOS



todos os crânios adultos mostram um comprimento máximo compreendido entre os 180 e os 194 mm, o que de facto constitui, em comparação com os crânios de outras populações europeias da mesma época, um alto valor¹⁸. Em contrapartida, a largura máxima não chega aos valores dos crânios de Oberirmsingen, pelo que resulta e se explica a grande percentagem de crânios meso-, dolico- e mesmo hiperdolicocefalos. Anotamos, também, que os crânios mais estreitos correspondem, com uma única excepção, ou a crânios de jovens, ou a crânios de mulheres, verificando-se nisso um dimorfismo sexual, o qual, no que diz respeito aos valores do comprimento máximo, não se verificou.

Analisando a relação entre o comprimento e a largura dos crânios (gráfico 4), constata-se que os crânios jovens mostram uma tendência maior para a braqui- ou mesocefalia do que os crânios adultos, ou, dito em outras palavras, os crânios dos jovens cresceram na última fase do crescimento mais no comprimento do que na largura. Observamos, mais uma vez, que só poucos crânios alcançam os valores da braquicefalia ou da hiperdolicocefalia e parecem homogéneos. As razões desta homogeneidade podem-se encontrar, talvez, na consanguinidade da população sepultada nos hipogeus de Carenque. É possível que a aldeia de Carenque, tal como hoje, já então tivesse estado longe das vias de comunicação e um pouco isolada do resto da população da Estremadura.

¹⁸ GERHARDT, K., *Schädel- und Skelettreste der frühen Bronzezeit von Oberirmsingen*, "Fundberichte aus Baden- Württemberg", I, Freiburg, 1974, p. 213-225.

Tentámos uma comparação com os crânios da Eira Pedrinha ¹⁹, resultando, de *grosso modo*, uma identidade métrica, pelo menos nestas medições, como se pode verificar no gráfico 4. Porém, devido ao facto de os crânios da Eira Pedrinha não terem sido individualmente descritos, resultando de aí que não sabemos a idade alcançada por cada indivíduo, a nossa comparação fica limitada.

No gráfico 4 torna-se igualmente evidente que, de maneira nenhuma, existe um foco de braqui- ou dolicocefalia — é evidente que a população dos hipogeus de Carenque se caracteriza pela pouca variedade no seu índice cefálico. Podemos, no gráfico 4, constatar um foco, ou seja centro de máxima frequência, que também chamamos o campo de concentração, rodeado por um campo de dispersão. Este campo de dispersão compreende, isso sim, alguns crânios braqui-, dolico- e mesocéfalos.

Com a publicação dos crânios aqui apresentados aumenta consideravelmente o número total dos crânios calcolíticos publicados nos últimos anos. As mais importantes estações calcolíticas com achados de crânios são a Gruta da Eira Pedrinha, o hipogeu 3 de Carenque, os hipogeus do Casal do Pardo, a Lapa do Bugio e a Gruta do Carvalho. Ordenando os crânios destas estações segundo o índice cefálico, chegamos aos seguintes resultados:

QUADRO 4

ÍNDICE CEFÁLICO DOS CRÂNIOS CALCOLÍTICOS DE PORTUGAL

	Número de crânios	%
Hiperdolicocefalos	6	8%
Dolicocefalos	26	34%
Mesocéfalos	34	46%
Braquicéfalos	6	8%
Hiperbraquicéfalos	3	4%
Total	74	100%

Conclui-se, portanto, que 80% de todos os crânios são dolico- ou mesocéfalos. Mais importante é a constatação de que 42% dos crânios são dolico- ou hiperdolicocefalos. Comparamos estes valores com os que dizem respeito à população portuguesa actual, publicados por Silva Basto ²⁰:

¹⁹ *Op. cit.* (nota 6).

²⁰ BASTO, A. da S., *Índices cefálicos dos Portugueses*, "Instituto", Coimbra, 1898, p. 57 e 59. Alguns dos valores publicados por este autor foram corrigidos por nós. TAMAGNINI, E., *Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa actual. O índice cefálico e a estatura*, "Revista da Faculdade de Ciências", II, Coimbra, 1932. MENDES CORRÊA, A., *Estatura e índice cefálico em Portugal*, "Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto", II, 1932.

QUADRO 5

ÍNDICE CEFÁLICO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA ACTUAL
(SEGUNDO SILVA BASTO, 1988)

	106 crânios do Museu da Universidade de Coimbra	1000 crânios da Coleção Ferraz de Macedo
Ultradolicocéfalos	0,9%	0,1%
Hiperdolicocéfalos	8,5%	6,0%
Dolicocéfalos	40,6%	45,3%
Mesocéfalos	46,2%	41,4%
Braquicéfalos	3,8%	6,6%
Hiperbraquicéfalos	—	0,5%
Ultraquicéfalos	—	0,1%
Total	100 %	100 %

A comparação entre os resultados de Silva Basto e os resultados aqui apresentados revela que, embora as duas séries de Silva Basto não proporcionem idênticos valores, os crânios dos portugueses de hoje tendem muito mais para a dolicocefalia do que os crânios calcolíticos.

Com efeito, 50% a 51,4% da população portuguesa actual tem crânios dolico-, hiperdolico- e mesmo ultradolicocéfalos. Em concordância com estes dados está a constatação de que no Calcolítico houve 12% de braqui- ou hiperbraquicéfalos contra uma percentagem actual de 3,8% a 7,2% de braquicéfalos.

Esta comparação não está, porém, isenta de um possível erro, pois não sabemos a proveniência exacta dos crânios nos quais se baseou Silva Basto. Porém, este autor explica que 673 crânios da colecção de Ferraz de Macedo, i.e., 67,3%, provêm da Estremadura, e que dos 106 crânios da colecção do Museu da Universidade de Coimbra a maioria provém da Estremadura igualmente e do Douro. O que ficou dito serve para explicar que os valores indicados por Silva Basto funcionem como termo de comparação com os crânios calcolíticos da Estremadura.

A comparação entre os crânios calcolíticos da Estremadura e os da população actual demonstra, também, que, ao contrário duma “braquimorfização”, observada no Centro e no Norte da Europa²¹, a qual se deu nos últimos quatro milénios, em Portugal tal fenómeno não se regista. Ao contrário, os crânios dos portugueses de hoje são mais doliocéfalos do que há quatro milénios, pelo que podemos falar de uma “dolicomorfização”.

A braquimorfização, acompanhada de uma paralela robustização no Norte da Europa, e uma dolicomorfização, e, simultaneamente, uma gracilização no Sudoeste da Europa, parecem ter dominado o desenvolvimento da forma humana nos últimos quatro milénios.

²¹ ROTH-LUTRA, K. H., *Schädelserien des 5. bis 2. Jahrtausends v.u.Z. in diskriminanz-analytischer Betrachtung*, “Homo”, XVIII, 1967, p. 198-207.

4.4. Análise morfológica

Aprofundamos um pouco mais a análise morfológica dos crânios de Carenque. Comparando as várias normas entre si, vêem-se diferenças substanciais:

A norma vertical mostra dois aspectos diferentes — os crânios n.ºs 13, 3, 6, 7(?), 9, 10, 12 e 16 pertencem ao primeiro grupo, i.e., têm um contorno regularmente elipsoidal; ao segundo grupo pertencem os crânios n.ºs 1, 2, 5, 8(?), 11 e 14, caracterizados por uma frente bem marcada e saliente, enquanto a parte posterior do crânio tem a forma dum saco.

A norma lateral oferece igualmente variantes. A primeira, representada pelos crânios n.ºs 13, 2, 4, 5(?), 6(?), 7, 9, 10, 11, 12, 14 e 15(?), mostra uma frente recta, bem marcada e com aspecto infantil e um occipúcio arredondado. Os crânios n.ºs 11 e 12 pertencem também a este tipo, mas têm um crânio mais alto e mais volumoso do que os outros crânios deste grupo. — A segunda variante, à qual pertencem os crânios n.ºs 1, 3, 8, 16 e 17, mostra uma forma alongada e baixa, com a frente fortemente inclinada e fugidia, o que em parte é resultado de fortes arcos supraciliares, pelo que se torna difícil saber onde é que acaba a frente, e onde é que começa a abóbada craniana.

A norma posterior mostra-se bastante regular em todos os crânios, i.e., mostra sempre a forma duma ferradura, com as paredes laterais rectas ou ligeiramente convexas, e a parte da abóbada em forma duma arcada. A largura máxima encontra-se sempre na altura das bossas laterais, ou seja na altura do lambda.

Notamos, porém, que há crânios com uma norma posterior muito mais pequena (n.ºs 1, 2, 3, 5(?), 7, 9, 10), outros com uma norma, em comparação, muito mais alta (n.ºs 13, 6, 11, 14(?), 15(?), 16). Não se trata de uma questão de tamanho, pois na comparação das duas normas posteriores dos crânios n.ºs 1 e 13, revela-se que ambas têm, na altura das apófises mastóides, a mesma largura. Crânios do tipo n.º 13 são simplesmente mais volumosos do que crânios como o n.º 1.

Anotamos porém que o crânio n.º 12, com a sua norma posterior alta, de paredes rectas e abóbada redonda, não pertence a nenhum dos dois tipos aqui descritos e que não conhecemos, por enquanto, paralelos para este tipo de norma posterior, pelo menos nos crânios calcolíticos portugueses.

Por falta de possibilidade de comparação abstemo-nos de aprofundar observações acerca da norma frontal, e se aí também se constatarem diferentes tipos.

As diferenças verificadas na comparação das várias normas levam-nos a constatar a presença de dois diferentes tipos humanos nos hipogeus de Carenque. O primeiro tipo tem uma cabeça arredondada, com a abóbada alta, frente recta, occipúcio arredondado, norma vertical elíptica e arredondada, de índice cefálico médio de c. de 75, i.e., mesocéfalo. Chamamos a este tipo “*paidomorfos mediterrânicos*”²², i.e., crânios de formas infantis e gráceis,

²² Do gr. *paidos* = criança, e *morphe* = forma.

características da zona do Mediterrâneo, pois é este o até agora sempre chamado “mediterrânico grácil”. Este tipo porém, embora bem conhecido pelos paleantropólogos, não foi, até à data, definido ou descrito, faltando um tipo padrão.

O segundo tipo tem, na norma lateral, uma cabeça alongada, de frente baixa e inclinada, abóbada igualmente baixa e o occipúcio em bico. Na norma superior tem a já descrita forma dum saco, com uma nítida diferenciação entre a frente e o crânio posterior. A norma posterior é pequena, em forma de ferradura. Este tipo não recebeu, até à data, um nome por parte dos antropólogos. É vulgar em Portugal, mas não conhecemos paralelos além-fronteiras, pelo que o chamamos, perante a sua gracilidade manifesta e o índice cefálico médio dentro da dolicocefalia, *atlânticos leptomorfos*²³.

Escolhemos para cada tipo um crânio director: na fig. 1, o crânio n.º 1 representa os “atlânticos leptomorfos”, o crânio n.º 13 representa os “paidomorfos mediterrânicos”. Na fig. 1 constatamos, à primeira vista, as diferenças descritas. É porém verdade que se encontram tipos mistos, i.e., norma lateral do crânio n.º 13, e norma superior do crânio n.º 1. Também se ignora tudo acerca de eventuais diferenças no esqueleto entre os dois tipos, pois como se sabe, nunca(!) foi encontrado um esqueleto inteiro do Calcolítico português.

Os “paidomorfos mediterrânicos” representam c. de dois terços de toda a população que construiu os hipogeus de Carenque. Tem, como já foi dito, um índice craniano superior ao dos “atlânticos leptomorfos”.

O esplanococrânio conservou-se parcialmente em apenas três crânios — os n.ºs 11, 12 e 13. Dado o seu estado fragmentário, apenas as órbitas se podem comparar, mostrando, porém, grande diversidade de formas. As do crânio n.º 11 são pequenas e redondas, as do crânio n.º 12 são alongadas e arredondadas, e as do crânio n.º 13 são grandes e rectangulares. Torna-se assim impossível determinar um tipo comum de órbitas.

No que respeita a estatura já atrás dissemos que a população que se sepultava nos hipogeus de Carenque pertencia a uma raça de estatura pequena e grácil. Para demonstrar esta gracilidade, mas também para possibilitar futuras comparações com achados ósseos, publicamos as partes superiores dos fémures, constatando assim as grandes diferenças de tamanho entre eles.

O mais pequeno é o n.º E3 (fig. 24, n.º 2), aproximadamente igual, quanto a proporções, a outro fémur publicado por K. Gerhardt²⁴, proveniente de Ditzingen (R.F.A.), e descrito como sendo “o fémur mais grácil encontrado” entre os restos ósseos humanos do Neolítico Inicial da Alemanha do Sul.

É por isso e ainda em virtude da estatura muito pequena desta população — que era ainda mais pequena do que a população dos hipogeus de Carenque, evidenciando-se as suas proporções gráceis — que Gerhardt descreveu a população do Neolítico Inicial da Alemanha do Sul como pertencendo aos “mediterrânicos gráceis”.

²³ Do gr. *leptos* = grácil, fino, delgado, e *morphe* = forma.

²⁴ GERHARDT, K., *Anthropologische Befunde der jungsteinzeitlichen Hinkelsteingruppe von Ditzingen*, “Fundberichte aus Baden- Württemberg”, I, Kreis Leonberg, 1974, p. 65-81.

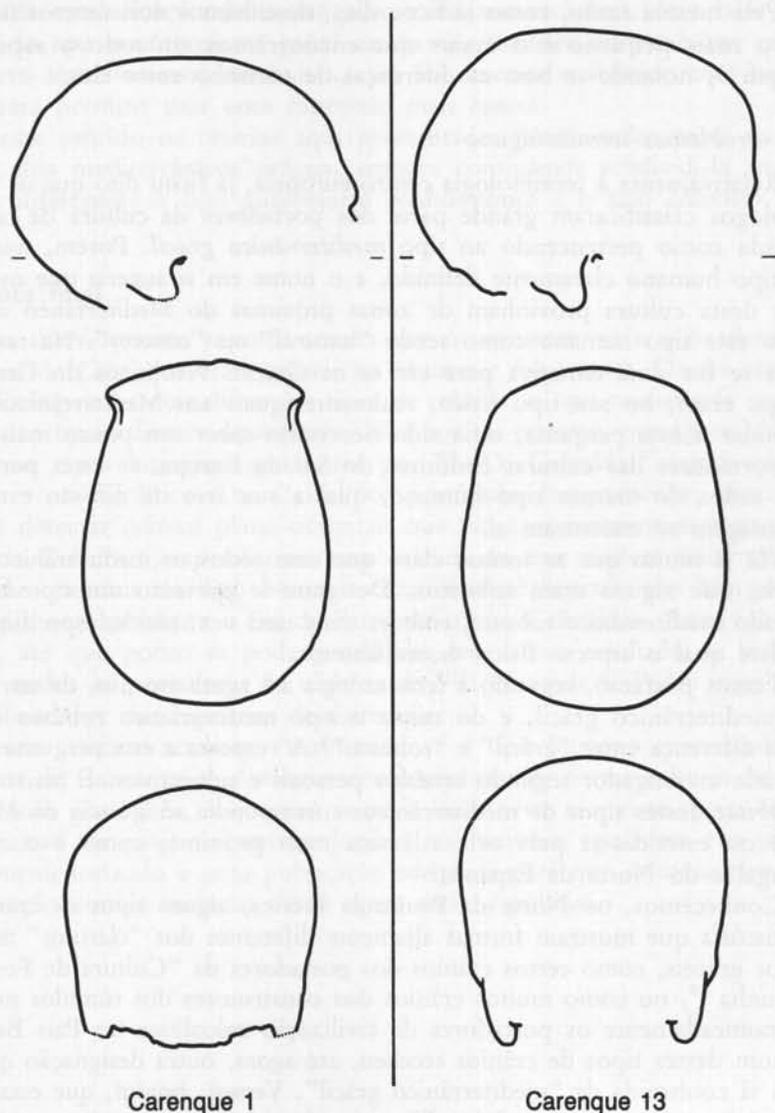


Fig. 1 — Os dois tipos cranianos de carenqué: À esquerda, o tipo atlântico leptomorfo, à direita, o tipo paidomorfo mediterrânico.

Esta comparação serve para mostrar que não podemos, de antemão, julgar a população do Calcolítico português como tendo uma estatura mais pequena e mais grácil do que a população do Neolítico de regiões centro-europeias, especialmente as das vastas áreas que tinham sido neolitizadas pela *Bandkeramik*kultur, ou seja: pela cultura da cerâmica bandada.

Pela mesma razão, como já ficou dito, desenhámos dois úmeros (fig. 25), i.e., o mais pequeno e o maior que encontrámos em todo o espólio do hipogeu 3, notando-se bem as diferenças de tamanho entre eles.

4.5. *Problemas terminológicos*

Relativamente à terminologia centro-europeia, já ficou dito que os paleantropólogos classificaram grande parte dos portadores da cultura de cerâmica bandada como pertencendo ao tipo *mediterrânico grácil*. Porém, nunca foi este tipo humano claramente definido, e o nome em si sugeriria que os portadores desta cultura provinham de zonas próximas do Mediterrâneo onde se julgou este tipo humano como sendo “*natural*” ou “*comum*”. Na realidade, nunca se fez uma tentativa para ver se os Gráceis Neolíticos do Centro da Europa eram, no seu tipo físico, realmente iguais aos Mediterrânicos. Para responder a esta pergunta, teria sido necessário saber um pouco mais acerca dos portadores das culturas neolíticas do Sul da Europa, se estes portadores eram todos do mesmo tipo humano, qual a sua área de difusão e em que percentagem se encontram aí.

Há já muito que se tornou claro que nem todos os mediterrânicos eram gráceis, que alguns eram robustos. Designou-se portanto um tipo humano chamado *mediterrânico robusto*, embora mais uma vez, não se especificasse ou definisse qual o aspecto físico destes últimos.

Temos portanto, segundo a terminologia até agora em uso, de um lado o tipo mediterrânico grácil, e do outro o tipo mediterrânico robusto — mas qual a diferença entre “grácil” e “robusto”? A resposta a esta pergunta é dada por cada investigador segundo critérios pessoais e subjectivos. E mais: a zona de *habitat* destes tipos de mediterrânicos correspondia só à bacia do Mediterrâneo ou estendia-se pela orla atlântica mais próxima, como é o caso de Portugal e do Norte da Espanha?

Conhecemos, no Norte da Península Ibérica, alguns tipos de crânios da Pré-história que mostram formas altamente diferentes dos “*clássicos*” mediterrânicos gráceis, como certos crânios dos portadores da “Cultura de Fosa”, da Catalunha²⁵, ou como muitos crânios dos construtores dos túmulos megalíticos, nomeadamente os portadores da civilização calcólica no País Basco²⁶. Nenhum destes tipos de crânios recebeu, até agora, outra designação que não seja a já conhecida de “mediterrânico grácil”. Vemos, porém, que esta designação é bastante vaga e engloba diferentes tipos humanos, embora todos eles tenham em comum uma certa gracilidade.

²⁵ FUSTÉ ARA, M., *Cráneos procedentes de la necrópolis de San Quirze de Galliners — Barcelona. Contribución al problema de los “Negróides” neolíticos*, “Instituto Bernardino de Sahagún”, 12, 1953, I, II, III.

²⁶ ARANZADI, T., *Restos humanos de las cavernas de Santimamiñe (Cortézubi), Arezti (Ereño) y Lumentxa (Lequeitio) en Vizcaya*, “Asociación Española para el progreso de las Ciencias, Sección Naturales, 1929. FUSTÉ ARA, M., *El tipo racial pirenaico occidental*, “IV Simpósio de Prehistoria Peninsular”, Pamplona, 1966.

Dada esta situação de investigação e da nomenclatura, deve falar-se no futuro do *tipo mediterrânico grácil* ou do *tipo mediterrânico robusto*, quando um certo tipo humano, até à data, não foi descrito e definido com bastante rigor para permitir usar uma expressão mais exacta.

Neste sentido os crânios aqui apresentados fazem todos parte da vasta família dos mediterrânicos gráceis, embora consigamos subdividi-la em dois grupos diferentes: o tipo *paidomorfo mediterrânico* e o tipo *atlântico leptomorfo*.

5. Nota final

Do anteriormente exposto resulta que os construtores e utilizadores dos hipogeus de Carenque eram gráceis na estatura e nas formas. Dentre este tipo geral distinguimos dois diferentes tipos de crânios, o tipo *paidomorfo mediterrânico* e o tipo *atlântico leptomorfo*. Não nos foi possível, por agora, detectar os outros tipos humanos apontados por M. D. Garralda²⁷ como também existentes no Neolítico e no Calcolítico português. Em particular, não conseguimos detectar crânios plano-occipitais que são característicos para os portadores da Cultura Campaniforme, nem crânios do tipo mediterrânico robusto.

Eram pessoas do tipo humano como este encontrado nos hipogeus de Carenque que habitaram o Sul da Estremadura no Calcolítico. Resta saber, de futuro, até que ponto se pode generalizar este nosso resultado de trabalho, i.e., se todos os portadores da Cultura de Vila Nova de S. Pedro eram iguais aos utilizadores dos hipogeus de Carenque.

Resta também analisar, finalmente, se o tipo humano encontrado nos hipogeus de Carenque se distingue dos portadores de outras culturas calcolíticas do solo português, o que não se pode fazer neste momento, pois, embora haja muitos materiais paleontropológicos nos museus, aguardam eles um estudo pormenorizado e uma publicação adequada para que se torne possível a comparação com o material ósseo agora dado a público.

²⁷ GARRALDA, M. D., *op. cit.* (nota 4).

CATÁLOGO

A — CRÂNIOS

CRÂNIO 1 (fig. 2)

N.º Inv. CAR 3/76/1.

Conservação

Calota conservada inteiramente graças ao facto de estar cheia de terra dura. O osso parietal direito conservou-se também, embora amolgado. Falta a apófise mastóide esquerda. Osso de cor esbranquiçada.

Morfologia

Norma lateral: O contorno é elipsoidal, com a frente inclinada, e as arcadas supraciliares marcadas. A ausência de acentos no contorno e a regularidade das formas chamam a atenção. Occipúcio arredondado.

Norma posterior: É regular, com curvas pouco acentuadas, em forma de ferradura, paredes laterais direitas e sem curvatura. Há poucas marcas musculares no occipúcio.

Norma vertical: O contorno assemelha-se a um oval perfeito, embora sobressaia a frente, onde se notam fortes arcadas supraciliares.

Idade

Sincondrose esfenoccipital obliterada. A *sutura coronalis*, na sua *pars bregmática*, e a *sutura sagitalis*, nas suas *pars vertical*, *pars obélica* e *pars póstica* são quase totalmente obliteradas. Ambas as suturas lambdóides estão abertas, mas a da direita mostra indícios do início da obliteração na *pars intermédia*.

Considerando estes indícios, parece que o indivíduo faleceu numa idade madura, mas tomando em conta os resultados de Nemeskéri, Harsányi e Acsádi (1960), acerca da interpretação do estado de obliteração das suturas, é mais provável, que o indivíduo alcançasse o início da senilidade. Para esclarecer este ponto seria útil poder apreciar o estado de obliteração na tábua interna, que poderia fornecer-nos indícios de mais confiança para a nossa finalidade, o que neste caso, como já foi dito, não é possível.

Sexo

Os poucos indícios apontam, na sua maioria, para o sexo masculino: O crânio é pequeno e delgado, a frente é inclinada e fugidia, o occipúcio mostra marcas bem claras de músculos, o occipúcio em si sobe acentuadamente para cima, as arcadas supraciliares são muito fortes, e na região da glabella elas unem-se em forma dum torus supraciliar, o nariz forma com a glabella um acentuado ângulo agudo, a glabella está elevada, a *crista infratemporalis* é larga, embora com pouco relevo ou altura, a apófise mastóide é pequena e delgada, e só na sua extremidade inferior mostra rugosidade, o que contradiz as observações feitas anteriormente; em resumo, classificaremos este crânio como masculino.

CRÂNIO 2 (figs. 3 e 4)

N.º Inv. CAR 3/76/2.

Conservação

Este *calvarium* está inteiramente conservado e não tem fissuras ou deformações *post mortem*, embora falte o osso direito zigomático. A apófise mastóide direita está igualmente danificada. A cor do osso é esbranquiçada.

Morfologia

Norma lateral: O contorno é ovalado e sem fortes curvas. A frente é direita e só ligeiramente inclinada. O *culmen* encontra-se quase no meio do comprimento do crânio, o occipício é arredondado. O arco zigomático é muito fino, embora visível na vista do lado esquerdo, e o meato acústico externo é muito pequeno.

Norma frontal: O contorno mostra tendências para um círculo, e também aqui se nota a falta de curvas. As órbitas são pequenas e arredondadas, parecendo as de uma criança. A *sutura frontalis* está em parte persistente.

Norma vertical: Reconhecemos que o crânio é marcadamente dolicocefalo, pois é muito delgado. Vê-se o crânio facial nesta vista, i.é., ele é muito saliente, e da mesma maneira vê-se o arco zigomático, i.é. o crânio mostra fenozígia acentuada. O contorno assemelha-se a um pentágono delgado.

Idade

As suturas cranianas estão todas abertas, embora mostrando uma forma muito complicada. A sincondrose esfenoccipital está aberta, i.é. o indivíduo não ultrapassou o 21.º ano de vida. Mais claramente acerca da idade falam os dentes da mandíbula superior: No lado direito observamos: I¹, I², C e P² = perdidos *post mortem*.

P¹ = 7 × 10 mm. Cúspides com ligeiro desgaste²⁸.

M¹ = 10,5 × 12 mm. Cúspides com maior desgaste.

M² = 9 × 12 mm. Cúspides com ligeiro desgaste.

M³ = Encontra-se ainda na maxila, não tendo crescido suficientemente para poder ter sido utilizado na mastigação. Mesmo se o indivíduo tivesse vivido até à idade, na qual o M³ costuma nascer, o M³ não teria tido espaço suficiente para uma normal implantação.

No lado esquerdo observamos: I¹, I², P¹ e P² = perdidos *post mortem*. Os restantes dentes são:

C = 8 × 8 mm. Desgaste ligeiro das cúspides.

M¹ = 10 × 12 mm. Cúspides com forte desgaste.

M² = 10 × 12 mm. Cúspides com ligeiro desgaste.

M³ = Está normalmente implantado, mas não cresceu bastante para normal utilização. Também o esq. M³ não teria tido espaço suficiente para uma normal implantação no maxilar. Só uma das cúspides do esq. M³ se vê já fora dos alvéolos.

Os dentes, tal como estão, indicam portanto, que o indivíduo faleceu pouco depois de nascerem os dois M², i.é. com c. de 15 anos.

Sexo

Dada a pouca idade, devemos interpretar com prudência e reserva os indícios sexuais. Porém, mesmo com estas restrições, parece, que o indivíduo era provavelmente ♀, pois observamos: um *meatus acusticus* exterior muito pequeno, apófises mastóides muito pequenas e sem inserções musculares, arcos zigomáticos finamente modelados, órbitas redondas, nariz largo e baixo, a ausência de fossas caninas, bordos supra-orbitários finos, ausência da glabella ou de seios frontais, a frente recta com a presença de tuberosidades frontais, a *crista infratemporalis* é muito pouco expressa, a ausência de relevo muscular na nuca, o occipício redondo e o arco da mandíbula superior em forma de um U.

Cubicagem

A capacidade do crânio é de 1025 cm³. Este valor é muito baixo, o que só pode ser explicado pela pouca idade do indivíduo.

²⁸ Nas medidas dos dentes indicamos em primeiro lugar o diâmetro meso-distal, e só a seguir o diâmetro lábio-lingual.

CRÂNIO 3 (fig. 5)

N.º Inv. CAR 3/76/3.

Conservação

Calota fracturada em virtude da pressão dos níveis superiores, unida pela terra que a enche. Falta a parede lateral esquerda, inclusive a apófise mastóide. Notam-se fortes deformações *post mortem*, o que é especialmente notável na norma vertical e na norma posterior. A cor do osso é amarela esbranquiçada.

Morfologia

Norma lateral: Contorno elipsóide, com curvas acentuadas na frente e no occipúcio. Fronte recta e elevada. Occipúcio redondo, marcado por uma crista transversal.

Norma vertical: Crânio fortemente marcado pelas deformações *post mortem*. Contorno assemelhando-se a um oval estreito. Fronte redondada.

Norma posterior: Paredes laterais aproximadamente paralelas. Curvatura da abóbada pouco acentuada. O contorno assemelha-se, assim, a um arco de volta inteira.

Idade

Há poucos indícios para uma estimativa da idade: a sutura sagital, na *pars obélica* e na *pars póstica*, mostra sinostose total. O mesmo se observa na *sutura coronalis*, na *pars bregmática* e na *pars temporalis*. A sincondrose esfenoccipital está obliterada. Estes indícios provam que o indivíduo alcançou, pelo menos, a maturidade final, i.é., que faleceu entre o 40.º e o 50.º ano de vida.

Sexo

Os indícios sexuais são em parte contraditórios e dificultam uma determinação clara. As arcadas supraciliares e a glabella estão presentes, embora mostrem pouca rugosidade, pelo que perdem o valor indicativo do sexo. A fronte, embora recta e levantada, tem bossas frontais, o que pode ser interpretado como indício do sexo feminino, e mostra no perfil uma curva mais típica de crânios masculinos. A apófise mastóide é pequena, mas com marcas nítidas de músculos, o relevo de músculos no occipital é fraco, mas nota-se, que perto do ínio as *lineae nuchae* se juntam e formam uma espécie de rolete. Há também alguns outros indícios que mais frequentemente se observam nas mulheres: uma *crista infratemporalis* pouco expressa, pequenos meatos acústicos exteriores, um occipúcio redondo e a ausência de marcas de músculos acima do pório.

O resultado desta análise não pode ser, lamentavelmente, decisivo, mas, considerando a ausência de indícios indiscutivelmente masculinos, e considerando a presença de alguns indícios que, embora não exclusivos do sexo feminino, se encontram frequentemente em crânios femininos, julgamos poder atribuir este crânio ao sexo feminino.

CRÂNIO 4 (fig. 6)

N.º Inv. CAR 3/76/4.

Conservação

Abóbada craniana esbranquiçada, que se conservou inteira, estando ainda hoje cheia de terra. Faltam, porém, quase todos os pontos de referência, conservando-se unicamente o bregma e o lambda. Devido ao mau estado de conservação, descreve-se unicamente a norma lateral.

Morfologia

Norma lateral: Embora muito reduzida, esta abóbada mostra, em comparação com outros crânios, a mesma tendência geral para uma elipse. Vemos que esta abóbada provém de um crânio bastante grande.

Idade

Na tábua externa, as suturas estão abertas. Observamos, na tábua interna, na *sutura sagitalis*

o início de obliteração. Trata-se, portanto, de um indivíduo, que alcançou o fim da fase adulta, eventualmente o início da idade madura, i.é., faleceu entre o 30.º e o 35.º ano de vida.

Sexo

Indivíduo com ossos muito fortes. A fronte era, a julgar pelo resto do osso frontal, muito inclinada, e este mesmo osso mostra, na parte central da fronte, um desenvolvimento especialmente forte: forma de hiperosteose. Estes indícios, que são típicos do sexo masculino, assim como o contorno lateral muito alongado e pouco curvo, falam a favor do sexo masculino.

Observações especiais

Os ossos parietais mostram, na região posterior, certas anomalias: nota-se uma depressão perto do lambda (“depressão pré-lambdaidea”), sem que tal se possa explicar por deformações *post mortem*. Os ossos parietais não são idênticos: o osso parietal esquerdo é sensivelmente mais espesso do que o direito, sem que se possa encontrar razão para esse facto.

CRÂNIO 5 (fig. 6)

N.º Inv. CAR 3/76/5.

Conservação

Calota de cor esbranquiçada muito fragmentada. Dos pontos de referência, unicamente o bregma, o lambda e a glabella se conservaram.

Morfologia

Norma lateral: Nas formas e no tamanho geral do crânio, vê-se que o indivíduo faleceu no início da juventude, pois o crânio é pequeno, redondo e sem curvas acentuadas no contorno.

Norma vertical: Não dispondo do contorno completo desta norma, vê-se, não obstante, que o crânio é ovalóide. Fronte claramente demarcada, contra o resto do crânio.

Norma frontal: Poucas conclusões se podem retirar da observação desta norma, pois faltam as paredes laterais. Contorno regularmente arredondado. Órbitas assimétricas e pequenas.

Idade

Como já ficou dito, faleceu o indivíduo adolescente. A ausência de marcas de músculos deve-se a esse facto, assim como a fronte redonda e “infantil” e as paredes muito finas e delgadas. As suturas estão nas duas tábuas abertas. Os bordos supra-orbitários são finos e delgados. — Estes indícios, em conjunto com o tamanho do crânio, deixam supor que o indivíduo faleceu na adolescência inicial, i.e., entre o 12.º e o 15.º ano de vida.

Sexo

O sexo, dada a juventude do indivíduo, não é determinável. Assim, far-se-á uma mera descrição dos indícios usuais para a determinação do sexo: glabella baixa; ausência de arcadas supraciliares; bordos supra-orbitários finos e delgados; *crista infratemporalis* muito fina e quase irreconhecível; fronte pequena e recta, mostrando bossas; órbitas pequenas e redondas.

CRÂNIO 6 (fig. 7)

N.º Inv. 3/76/6.

Conservação

Calota, de cor esbranquiçada, muito fragmentada, unindo-se os fragmentos defeituosamente. Faltam ambos os meatos acústicos externos, pelo que, nas estampas, a calota está só aproximadamente orientada no plano de Frankfurt. Notam-se fortes deformações *post mortem*, mais notórias na norma lateral.

Morfologia

Norma lateral: Contorno elíptico. Mais uma vez se constata a ausência de curvas rasantes. Só a frente se ergue rectamente, fazendo-se notar também a glabella bem pronunciada. Occipúcio redondo, subordinado ao contorno geral da elipse.

Norma vertical: À parte as deformações *post mortem*, reconhece-se um contorno aproximadamente pentagonal. No osso parietal esquerdo, perto da *sutura sagitalis*, encontra-se um *foramen parietal*.

Norma posterior: O contorno, embora incompleto, assemelha-se a uma ferradura, não se notando aqui as deformações já descritas.

Idade

O tamanho do crânio fala a favor dum indivíduo adulto, mas o estado das suturas, que em ambas as tábuas estão ainda abertas, evidencia que o indivíduo não alcançou a maturidade. A data do falecimento situar-se-á, portanto, entre o 20.º e o 30.º ano de vida.

Sexo

Lamentavelmente existem muito poucos indícios: a glabella bem levantada e expressa; as arcadas supraciliares finas, mas claramente indicadas; a frente ligeiramente inclinada; a *crista infratemporalis* bem pronunciada — indicariam o sexo masculino, especialmente se se considerar que se trata de um indivíduo pertencente ao tipo mediterrânico grácil, o qual é conhecido pelo fraco dimorfismo sexual.

CRÂNIO 7 (fig. 8)

N.º Inv. CAR 3/76/7.

Conservação

Posterior de uma calota esbranquiçada, a qual mostra fragmentos dos dois ossos parietais e o occipital quase inteiro. Está bem conservada, sem mostrar fendas ou deformações *post mortem*, e permite, apesar das fracturas, apreciar as normas mais importantes. O opístio está igualmente conservado.

Morfologia

Norma lateral: Contorno ondulado, especialmente na região das *lineae nuchae superiores*. Trata-se do que resta dum cabeça grande e robusta. O occipúcio sobe suavemente, e forma, juntamente com o contorno dos ossos parietais, aproximadamente o segmento dum semicírculo. Parece que o crânio, nesta norma, era elíptico, tal como os outros crânios até aqui analisados.

Norma vertical: O que resta da calota mostra, nesta norma, um occipital plano, e os dois ossos parietais que sobressaem e formam um ângulo. Assim, podemos supor que o crânio se assemelhava a um pentágono.

Norma posterior: Esta norma é a única que se deixa reconstituir quase inteiramente. A forma é a de uma ferradura, embora mostrando as paredes laterais uma curvatura muito mais fraca do que a abóbada. Observa-se em cada *sutura lambdoidea* um osso vomiano.

Idade

A *sutura sagitalis* está obliterada na *pars obélica*. De resto, estão todas as outras suturas abertas. Observa-se um estado idêntico das suturas na tábua interna. O indivíduo faleceu, portanto, não antes do início da idade madura, i.e., entre o 30.º e o 35.º ano de vida.

Sexo

Encontram-se poucos indícios que permitam a determinar o sexo e a maioria aponta para o sexo masculino: um crânio grande e forte; um occipúcio fortemente "modelado" pelos músculos; uma protuberância occipital externa bem desenvolvida; *lineae nuchae supremae* bem expressas.

Apesar do fraco relevo de músculos na área acima da apófise mastóide, creio poder classificar este crânio como claramente masculino.

CRÂNIO 8 (fig. 9)

N.º Inv. CAR 3/76/8.

Conservação

Abóbada craniana de cor castanha clara em mau estado de conservação, pois o osso é muito quebradiço. As nossas observações são, por isso, limitadas.

Morfologia

Norma lateral: Orientando a calota aproximadamente no plano de Frankfurt, vê-se que o contorno se assemelha a uma elipse alongada com forte inclinação da frente e acentuação marcada da arcada supraciliar.

Norma vertical: Tendo como contorno seguro unicamente o lado direito, tentou-se uma reconstrução, como se mostra na est. 8. A base e a frente são redondas, e o contorno geral é ovóide.

Norma posterior: Não foi possível orientar com precisão a calota nesta norma. No entanto o contorno é tentoriforme²⁹.

Idade

O tamanho da calota não deixa dúvidas de que o indivíduo alcançou a maioridade. De facto, constata-se que a *sutura sagittalis* na *pars verticis*, *pars obélica* e *pars póstica* assim como ambas as suturas lambdóides na *pars lambélica* e na *pars intermédia* estão obliteradas. Na tábua interna, todas as suturas mencionadas mostram nas mesmas partes obliteração total. Conclui-se, que o indivíduo faleceu com probabilidade na fase final da maturidade, i.é., entre os 50 e os 60 anos, porém não se exclui a hipótese de ter alcançado a senilidade.

Sexo

O contorno lateral, com a frente muito inclinada, a forte arcada supraciliar, assim como a estrutura espessa e forte dos ossos não deixam dúvida: trata-se do resto craniano dum homem bastante robusto e forte.

CRÂNIO 9 (fig. 10)

N.º Inv. CAR 3/76/9.

Conservação

Esta calota, de cor esbranquiçada, conserva-se em vários fragmentos. Faltam a base, parte da frente e parte do osso parietal direito. Não havendo os necessários pontos de referência, não se pode orientar o crânio com rigor. Verificam-se ligeiras deformações *post mortem*. As paredes são muito delgadas (2 a 4 mm) e são, talvez por isso, muito frágeis e pouco resistentes. Parcelas dos bordos supra-orbitários estão conservadas.

Morfologia

Norma lateral: Esta norma revela um perfil aproximadamente elíptico. A frente é recta e alta.

Norma vertical: Contorno ovóide, notando-se uma base plana. Perto do lambda observa-se um osso vormiano. Na zona do forámen occipital são visíveis as marcas de uma fractura do crânio.

²⁹ Adoptamos a nomenclatura de MENDES CORRÊA, A., em MENDES CORRÊA, A., e TEIXEIRA, C., 1949, *op. cit.* (nota 6), p. 31: tentoriforme = em forma de uma tenda.

Norma posterior: Os poucos restos do contorno parecem inscrever-se dentro da linha dum arco de volta inteira, mas, dado o estado frágil da calota, esta observação pode ser falsa, pelo que nos abstermos de mais comentários. Há cinco ossos vormianos nas suturas lambdóides.

Idade

Todas as suturas estão nas duas tábuas abertas. As formas e as proporções da calota são as dum adulto. Estas duas observações que, lamentavelmente, são as únicas obtidas acerca da idade alcançada por este indivíduo, proporcionam uma data de falecimento dentro da fase adulta, i.e., entre 20 e 30 anos.

Sexo

A fronte recta, com bossas bem nítidas e expressas, a *crista infratemporalis* pouco expressa, o crânio "redondo", especialmente o occipúcio redondo, os bordos supra-orbitários muito finos, a quase completa ausência de arcadas supraciliares, a glabella pouco levantada e a ausência de marcas de músculos na nuca indicam um indivíduo do sexo feminino.

Observações

A calota mostra algumas anomalias e feridas:

1. As paredes são anormalmente finas e delgadas, mesmo se se supuser menos idade.
2. O osso frontal, na sua tábua interna, mostra, nos dois lados da fronte, *foveolae alveolares*.
3. Há um número pouco vulgar de ossos vormianos.
4. No osso parietal da esquerda, perto do lambda (vid. norma posterior), há restos de um traumatismo craniano, podendo ver-se uma fractura de c. de 45 mm, perfurando o osso em c. de 16 mm. Parte da parede craniana enterrou-se no crânio, pelo que na norma lateral se nota uma massa. Os bordos da fractura são arredondados, com sinais evidentes de regeneração óssea, havendo também duas pontes ósseas, o que revela que o indivíduo sobreviveu a este traumatismo por muito tempo, porém não bastante, para que se fechasse a fenda inteira. Não sabemos se foi esta ferida que provocou a morte, embora isso nos pareça altamente provável.

Como causa deste traumatismo são de excluir os objectos com gume cortante — lâmina ou ponta — pois a área da fractura mostra a fractura propriamente dita, e uma zona circundante, igualmente rebaixada. Se a causa desta fractura tivesse sido, p. ex., um machado ou uma lâmina, poder-se-ia esperar uma fenda, mas sem auréola rebaixada. Assim, o indivíduo terá caído sobre uma pedra ou outro objecto com superfície irregular, ou terá sofrido as consequências de um ataque a pedrada.

O indivíduo em questão é uma mulher jovem, a qual mostra sintomas de deficiência óssea, como ficou descrito nos pontos 1 e 2, indicadoras eventuais de transtorno de metabolismo. A presença dos muitos ossos vormianos é talvez mais um indício nesta direcção, embora se deva admitir que ainda se desconhecem as causas dos ossos vormianos. Dada tal deficiência óssea nesta mulher, com subsequente maior susceptibilidade por roturas do osso craniano, uma queda simples, a qual normalmente não tem consequências graves, pode bem, neste caso, ter provocado o traumatismo craniano descrito.

CRÂNIO 10 (fig. 11)

N.º Inv. CAR 3/76/10.

Conservação

Calota ocre claro, fragmentada em vários pedaços. Apesar do péssimo estado, não se notam deformações *post mortem*.

Morfologia

Norma lateral: No desenho indica-se, aproximadamente, a orientação segundo o plano de Frankfurt, pois faltam os pontos de referência. Assinalaremos um crânio pequeno, de forma elipsoidal e com a fronte recta.

Norma vertical: O crânio revela-se, nesta norma, estranhamente amplo. Verifica-se a persistência da *sutura frontalis*, o que representa uma anomalia bastante rara, pois esta sutura costuma obliterar com *c.* de um ano de idade. O contorno é regularmente oval.

Norma frontal: Assinala-se, mais uma vez, a persistência da *sutura frontalis*. O contorno em forma de ferradura, com tendência para círculo.

Idade

Pelo aspecto geral, pelas formas e pelas proporções, esta calota pertenceria a um indivíduo, que faleceu no fim da adolescência. O estado das suturas não auxilia a resolver a questão da idade do indivíduo, pois estão abertas nas duas tábuas. As paredes estão muito finas e indicam, assim, também uma idade juvenil. Estes poucos indícios conjuntos, essencialmente as proporções reduzidas, indicariam mais provavelmente uma idade entre *c.* dos 10 a 13 anos.

Sexo

Dada a pouca idade, abstenho-nos de qualquer interpretação dos indícios sexuais. Observa-se uma frente recta e com bossas, o contorno lateral sem acentos, um contorno da norma frontal quase circular, a ausência de arcadas supraciliares, a *crista infratemporalis* pouco marcada, a apófise mastóide pequena e com pouco relevo muscular.

CRÂNIO 11 (figs. 12 e 13)

N.º Inv. CAR 3/76/11.

Conservação

Neste *calvarium*³⁰ faltam à esquerda os ossos frontal, partes adjacentes do parietal, assim como a metade do esplanocrânio. Falta, também, o arco zigomático direito. Em contrapartida, conservou-se muito bem a base. O lado direito da face junta-se ao resto do *calvarium* de maneira pouco segura, perto do arco zigomático e do palatino. Nas medidas a tirar, terá, portanto, que se considerar sempre este possível factor de erro. Matéria óssea cor de marfim queimado.

Morfologia

Norma lateral: O contorno sobe numa curva rasante, passando por uma frente recta, até ao *culmen*, que se encontra logo a seguir ao bregma. O occipital é redondo, notando-se porém que o seu contorno se levanta da base num ângulo relativamente agudo, assemelhando-se a uma elipse, embora bastante esquinada, pelo que este crânio não se pode comparar bem com os restantes aqui descritos.

Norma vertical: Nesta norma notam-se fortes deformações *post mortem*, mas mesmo assim reconhece-se que o crânio era muito delgado e de forma ovóide. As arcadas zigomáticas são fenozígicas.

Norma frontal: Esta norma revela — apesar de todas as falhas ósseas — uma face grácil e delicada. A órbita direita é pequena e redonda. O osso zigomático é fino e delgado.

Norma posterior: O contorno tem aproximadamente a forma duma ferradura. Na sutura lambdóide direita observam-se dois ossos vormianos. Lamentavelmente, notam-se muito, nesta norma, as deformações *post mortem*.

Idade

Trata-se dum indivíduo que já ultrapassara a adolescência, pois a sincondrose esfenoccipital está obliterada. As outras suturas estão abertas nas duas tábuas, i.e., o indivíduo ainda não tinha entrado na maturidade. Conservou-se um único dente, M² dr., cujas medidas são: diâmetro

³⁰ Seguimos a nomenclatura acerca do estado do crânio proposta por MARTIN, R. Ver também HEBERER G., KURTH, G. e SCHWIDETZKY-ROESING, I., *Antropologia*, "Enciclopedia Meridiano/Fischer", n.º 6, Lisboa, 1967, p. 348.

mésio-distal: 9 mm; diâmetro lábio-lingual: 11 mm. Mostra desgaste total dos cúspides. Todos os outros dentes estavam normalmente implantados, inclusivamente os dois M³, mas perderam-se *post mortem*.

O estado do dente e das suturas leva a concluir que o indivíduo faleceu no fim da fase adulta, i.e., dos 30 anos, mas não se pode excluir a hipótese de que faleceu numa idade um pouco mais avançada.

Sexo

Observam-se uma fraca arcada supraciliar, a presença de bossas frontais, a ausência de fossas caninas, finos bordos supra-orbitários, uma fina *crista infratemporalis*, uma grande abertura do *meatus acústicus* externo, uma fronte recta, um crânio redondo nas suas normas, a ausência de relevo de músculos da nuca, apófises mastóides diminutas e sem marcas de músculos, uma abóbada palatina pouco profunda e uma arcada dentária em forma de U. Estes indícios falam claramente a favor do sexo feminino.

CRÂNIO 12 (figs. 13 e 14)

N.º Inv. CAR 3/76/12

Conservação

Neste *calvarium* conservam-se partes do crânio facial. Falta o *meatus acústicus* esquerdo. Verificam-se ligeiras deformações *post mortem*. A parede da esquerda foi arrombada e sobe, em consequência disso, verticalmente. Faltam o bázion e o opístion, mas pode-se calcular com grande exactidão a posição deste último ponto. Faltam os dentes e os alvéolos. De resto, este *calvarium* conserva-se inteiro e num único bloco. Matéria óssea cor de marfim queimado.

Morfologia

Norma lateral: O crânio tende à elipse, embora mostre um occipúcio muito íngreme e ondulado, e também uma fronte recta. A grande altura da abóbada, que forma um arco de volta inteira, chama a atenção.

Norma vertical: Contorno em forma de larga elipse. É interessante notar que a máxima largura se encontra ligeiramente abaixo da altura dos dois pórios, e que a fronte oferece um aspecto compacto, causado pelo facto de que as duas apófises zigomáticas se encontram colocadas muito avançadas em direcção ao esplanocrânio. No osso parietal direito, perto da *pars temporalis*, observa-se uma erosão circular no osso, provavelmente provocada por um quisto dermóide.

Norma frontal: O contorno assemelha-se a um arco de volta inteira, com tendência a arco ultrapassado. As órbitas são grandes e ovais e ligeiramente assimétricas.

Norma posterior: Na sutura lambdóide esquerda há um osso vormiano. Perto do lambda observa-se uma protuberância.

Idade

A sincondrose esfenoccipital está obliterada. No exocrânio não há sinais de obliteração das suturas. No endocrânio não se podem observar as suturas, pois o interior do crânio está ainda cheio de terra. Assim, conclui-se que este indivíduo faleceu na idade adulta, possivelmente no início da maturidade.

Sexo

Os indícios são em parte contraditórios e de pouca confiança. Falam a favor do sexo masculino: as grandes órbitas, as fossas caninas, a fronte ligeiramente fugidia, a abóbada alta, o relevo de músculos na nuca aonde se observa uma espécie de um pequeno *torus*; pelo sexo feminino falam: a arcada dentária em forma de um U, o pálate pouco fundo, as apófises mastóides muito pequenas, embora bem modeladas pelos músculos, a glabela pouco alta, a quase inexistência das arcadas supraciliares, o crânio curto, a *crista infratemporalis* só ligeiramente marcada, os bordos supra-orbitais finos e redondos, a pequena abertura do *meatus acústicus*, e a subida íngreme do contorno do crânio na nuca, o que melhor se pode observar na forma lateral.

O resultado desta análise é, em face dos indícios pouco homogêneos, pouco seguro. Parece que prevalecem os indícios femininos, o que quer dizer que este *calvarium* pertencia a uma mulher de estrutura física forte, embora pertencendo a um tipo humano grácil.

CRÂNIO 13 (figs. 15 e 16)

N.º Inv. CAR 3/76/13.

Conservação

Esta calvária conserva-se numa única peça, embora faltem grandes partes do osso occipital. Faltam igualmente a maxila superior direita, a arcada zigomática direita, partes da parede esquerda com a correspondente apófise mastóide e o pório. Matéria óssea cor de marfim queimado.

Morfologia

Norma lateral: Contorno elíptico, com frente recta e abóbada alta. Occipúcio redondo, cuja base sobe suavemente.

Norma vertical: Contorno elíptico com a frente arredondada. Notam-se fortes deformações *post mortem*.

Norma frontal: Contorno semelhante ao de uma ferradura, embora tenha paredes laterais direitas. Órbitas em trapézios ligeiramente assimétricos. Os bordos da abertura piriforme só se conservaram no lado inferior esquerdo.

Norma posterior: Chama a atenção a forma extremamente complicada das suturas, o que parece dever ser interpretado como indício de alguma anormalidade no processo da ossificação, embora não se saiba qual a causa e quais as consequências resultantes de tal anomalia.

Idade

A sincondrose esfenoccipital não se conservou, pelo que há que prescindir deste valioso indicador da idade relativa. As restantes suturas estão abertas na tábua externa, menos a *sutura sagitalis*, que na *pars póstica* mostra sinais de obliteração. Tentando ver o estado de obliteração das suturas na tábua interna, constatámos que tal não era possível, pois a superfície interna está completamente coberta por calcite. Faltam todos os dentes, inclusivamente os respectivos alvéolos, do lado direito. No lado esquerdo, o P¹ e o P² perderam-se *post mortem* e restam só os alvéolos; o M¹ mostra fortes sinais de uso, os cúspides já não existem, a dentina está atacada e a polpa está à vista; M² também já não tem cúspides, e é visível o começo da abertura da polpa; o M³ perdeu-se *post mortem*, mas o alvéolo existente mostra que estava normalmente implantado. As medidas dos dentes são: M¹ = 10 × 11 mm; M² = 8,5 × 11,5 mm.

A idade deste indivíduo, segundo o estado das suturas³¹, seria entre 30 e 40 anos, possivelmente mais do que 40; segundo o estado dos dentes, e seguindo as indicações dadas por Miles³², este indivíduo teria falecido com c. de 50 anos, o que parece ser, neste caso, o mais provável.

Sexo

Todos os indícios falam, sem dúvida, a favor do sexo feminino: a arcada dentária angulosa, os molares pequenos, a abertura piriforme pequena, as órbitas com cantos redondos, as fossas caninas pouco fundas, a glabella bem expressa, a arcada supraciliar só ligeiramente levantada, os bordos supra-orbitários finos, a *crista infratemporalis* quase não reconhecível, os ossos zigomáticos com poucas marcas musculares, a frente recta e com bossas, o crânio redondo e largo, a nuca sem relevo de músculos, a apófise mastóide aguda e igualmente sem marcas de músculos, e a pequena abertura do *meatus acústicus* exterior.

Observações

Os dois molares conservados mostram raízes fora dos alvéolos, i.e., mostram indícios de paradontose. Ambos os dentes mostram na coroa uma excessiva acumulação de esmalte.

³¹ *Op. cit.* (nota 7), p. 134.

³² MILES, A. E., *The dentition in the assesment of individual age*, 1963, p. 204.

CRÂNIO 14 (fig. 17)

N.º Inv. CAR 3/76/14

Conservação

Esta calota, de cor esbranquiçada, conserva-se em vários fragmentos e mostra algumas deformações *post mortem*.

Morfologia

Norma lateral: O contorno é elíptico, com a frente recta, embora se notem as deformações *post mortem*.

Norma vertical: Foi tentada uma reconstituição no desenho, traçando o lado direito do contorno. Mesmo admitindo alguma incorrecção no resultado, constata-se que o contorno era ovalóide. Frente bem demarcada relativamente ao resto do crânio.

Norma posterior: O crânio mostra, nesta norma, uma abóbada em arco perfeito. As paredes laterais parecem estar inclinadas para o interior.

Idade

Perto do bregma estão todas as suturas obliteradas, e o próprio bregma só se encontra com dificuldade, assim como o lambda, pois ambas as suturas lambdóides e a sutura sagital estão obliteradas. Na tábua interna verifica-se obliteração total de todas as suturas, pelo que é de pensar que o indivíduo não faleceu antes de ter entrado na fase da senilidade.

Sexo

A frente com as bossas é finamente modelada e sobe em linha recta; a ausência de arcadas supraciliares, a glabela só ligeiramente indicada, a *crista infratemporalis* pouco marcada, o crânio redondo e pequeno e as paredes finas e delgadas da caixa craniana permitem determinar para este indivíduo o sexo feminino.

CRÂNIO 15 (figs. 18 e 19)

N.º Inv. CAR 3/76/15.

Conservação

Esta calota, de cor esbranquiçada, conservou-se numa única peça, pelo que as deformações *post mortem* são ligeiras.

Morfologia

Norma lateral: O contorno mostra um crânio pequeno, mas com várias bossas, nomeadamente na frente superior, no vértex e na base. O crânio posterior é, em comparação com o crânio frontal, em tamanho, altura e volume, muito mais desenvolvido. Há um osso vormiano na *sutura parietomastoidea*, i.e., num lugar onde tal anormalidade se observa poucas vezes.

Norma vertical: O contorno assemelha-se a um pentágono, e, mais uma vez, se nota que a parte posterior do crânio, pelas suas proporções, predomina relativamente à parte frontal.

Norma frontal: O contorno assemelha-se a um trapézio. A frente, com as bossas bem visíveis, e as órbitas redondas e infantis destacam-se contra o largo crânio posterior.

Norma posterior: Pequeno osso vormiano na sutura lambdóide da direita.

Idade

As suturas estão abertas nas duas tábuas. O tamanho, as proporções e as paredes finas e delgadas não deixam dúvidas quanto ao facto deste indivíduo ter falecido como criança, a nosso ver entre os 10 e os 12 anos.

Sexo

Dada a pouca idade do indivíduo, abstemo-nos de qualquer juízo acerca do seu sexo.

CRÂNIO 16 (figs. 19 e 20)

N.º Inv. CAR 3/76/16.

Conservação

Esta calota, de cor esbranquiçada, embora fragmentada, conserva-se conjunta, mostrando deformações *post mortem*. Vê-se o bordo supra-orbitário direito, faltando grande parte da parede deste lado do crânio.

Morfologia

Norma lateral: A norma lateral esquerda, a melhor conservada, revela um contorno elíptico, com uma frente recta e bem marcada. Mesmo nesta vista faz-se notar a forte acentuação da região glabellar. Embora não se possa orientar o crânio com exactidão no sentido do plano de Frankfurt, nota-se que a nuca ondulada sobe num ângulo íngreme. A maior parte das suturas estão obliteradas, pelo que não foi possível desenhá-las todas com correcção.

Norma vertical: Já à primeira vista se notam as deformações *post mortem*. O contorno é aproximadamente ovalóide.

Norma posterior: O contorno, nesta norma, assemelha-se a um arco ultrapassado. As suturas estão obliteradas a tal ponto que se tornou difícil determinar o lambda. Na nuca encontra-se a protuberância occipital externa na parte inferior de uma espécie de *torus*, resultado da força de acção de fortes músculos.

Idade

Na tábua externa, observa-se obliteração total da sutura sagital e da sutura coronal, na *pars bregmática* e na *pars temporalis*, assim como a obliteração das suturas lambdóides em todo o seu percurso³³. Na tábua interna constata-se obliteração total de todas as suturas. Concluimos, portanto, que o indivíduo faleceu na fase final da maturidade, ou talvez mesmo na senilidade.

Sexo

Sem dúvida trata-se dum indivíduo masculino, devido aos arcos supraciliares muito fortes, a um bordo orbitário redondo e forte, a uma apófise mastóide grande, forte e com muitas marcas musculares, as linhas superiores da nuca em forma dum *torus* e a subida íngreme da nuca.

Observações

Na sutura lambdóide direita observam-se dois ossos vormianos.

CRÂNIO 17 (fig. 21)

N.º Inv. CAR 3/76/17.

Conservação

Calota, cor de marfim claro, muito fragmentada; fortes deformações *post mortem* provocadas pela pressão da terra. Verifica-se uma reconstrução em parte defeituosa. Devido a essas deformações, o crânio parece ser, à primeira vista, braquicéfalo. Observando melhor, nota-se que também ele não se distingue, no seu tipo, dos restantes até agora descritos.

Morfologia

Norma lateral: O contorno assemelha-se a uma elipse, chamando a atenção a frente inclinada, e a glabella bem desenvolvida.

³³ Seguimos o esquema de denominação referente às várias partes das suturas cranianas dadas por Oppenheim.

QUADRO 6
MEDIDAS DOS CRÂNIOS

CRÂNIO N.º	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Sexo	♂	♀	♀	♂	♀	♂	♂	♂	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♀	♂	♂
Idade	≥ ad.	15	40/50	30/35	12/20	20/30	30/35	50/60	20/30	10/13	30	30	50	senil	10/12	senil	40/60
Glabela - Opistocrânio (a)	180	167	183	(187)	(175)	185	-	(192)	(183)	(169)	(189)	194	181	191	167	(190)	182
Largura máxima do crânio	129	125	130	-	(128)	(140)	145	(148)	(142)	(129)	130	134	140	-	138	141	-
Índice cefálico	72	75	71	-	(73)	(76)	-	(77)	(78)	(76)	69	69	77	-	83	(74)	-
Básion - Bregma	127	126	(126)	-	-	-	-	-	-	-	135	134	-	-	-	-	-
Básion - Próstion	-	(85)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Básion - Opistion	(38)	33	-	-	-	-	-	-	-	-	37	-	-	-	-	-	-
Násion - Básion	(99)	89	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Póron - Básion	-	51	-	-	-	-	-	-	-	-	54	-	-	-	-	-	-
Básion - Lambda	113	117	-	-	-	-	-	-	-	-	123	-	-	-	-	-	-
Násion - Lambda	173	162	(177)	-	168	(181)	-	(188)	-	(164)	-	178	175	-	161	-	180
Rínion - Naso-espinhal	-	(26)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Násion - Naso-espinhal	-	(42)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Násion - Próstion	-	(53)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(62)	-	-	-	-	-
Zigomaxilare - Zigomaxilare	-	(86)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(97)	-	-	-	-
Frontomalare - Frontomalare	-	90	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(99)	-	-	-	107
Astérion - Astérion	(105)	96	(104)	-	-	-	116	-	-	-	106	118	110	-	103	114	-
Coronale - Coronale	107	104	114	-	118	-	-	-	(125)	117	-	122	121	-	107	118	-
Infratemporale - - Infratemporale	94	88	-	-	95	-	-	(99)	-	96	-	99	98	-	79	-	100
Altura máxima do vértex(b)	(105)	110	(112)	-	-	-	-	-	-	-	117	120	118	-	(106)	-	110
Largura máxima do forâmen magnum	-	24	-	-	-	-	-	-	-	-	30	-	-	-	-	-	-
Largura máxima da abertura piriforme	-	22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21	-	-	-	-
Largura máxima das órbitas	-	33	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40	38	-	-	-	-
Altura máxima das órbitas	-	29	-	-	-	-	-	-	-	-	31	31	32	-	-	-	-
Espessura da parede craniana	3/5	2/4	3/5	4/8	3/4	4/5	3/5	5/9	2/4	3/5	4/7	4/5	5/7	5/7	3/5	4/5	4/8
Ângulo entre o plano de Frankfurt e do forâmen mgn.	-	3º	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5º30'	-	-	-	-	-

(a) As medidas exactas estão dadas em milímetros, as aproximadas vão entre parênteses.

(b) A medida refere-se ao comprimento da vertical erecta no plano de Frankfurt.

Norma vertical: Nesta norma, as deformações *post mortem* fazem-se sentir fortemente, pelo que foi tentada uma reconstituição aproximada (a tracejado). Procedendo assim, constata-se tratar-se dum crânio mesocéfalo, e de maneira nenhuma de um braquicéfalo. O contorno é aproximadamente ovalóide. A fronte arredondada.

Norma posterior: As paredes laterais foram pressionadas para o exterior, como consequência das deformações *post mortem*, parecendo o crânio muito largo, o que é obviamente falso.

Idade

No exocrânio todas as suturas estão abertas, e só perto do lambda mostram início de obliteração. Também as secções parietais das suturas coronais mostram idêntico estado de início de obliteração. No endocrânio observa-se obliteração total de todas as suturas. Segundo tais indícios parece claro que o indivíduo faleceu na fase madura, i.e., entre os 40 e os 60 anos.

Sexo

Todos os indícios não deixam margem de dúvida quanto ao facto de esta calota pertencer a um homem forte e robusto. A tal favor falam um *torus supraorbitalis* muito forte, uma fronte inclinada, um forte relevo de músculos na nuca, as cristas infratemporais extremamente salientes e marcadas, a estrutura óssea forte e os bordos redondos das órbitas.

B — OSSOS COMPRIDOS

B1. Fémures

Descrevem-se a seguir todos os fémures inteiros, publicando na escala 1:1 todas as cabeças de fémures, mesmo quando só existe a metade superior dum fémur.

Fémures direitos

D1 = Metade superior do fémur. Adulto. As marcas de músculos, robustas e fortes, indicam sexo ♂ (fig. 22, n.º 2).

D2 = Metade superior dum fémur. Adulto. As marcas musculares são menos expressas e fortes, e indicam mais provavelmente sexo ♀ (fig. 22, n.º 1).

D3 = Inteiro, faltando o trocânter menor. Adulto. Fracas marcas musculares. Diáfise fraca e fina. Segundo a morfologia e as medidas claramente ♀ (fig. 23, n.º 1).

Fémures esquerdos

E1 = Inteiro, faltando o trocânter menor. O trocânter maior está danificado. Diáfise com muitas marcas de músculos. Idade: adulto ou senil. As medidas (vid. tabela anexa) não esclarecem acerca do sexo; a largura da articulação inferior (= 67 mm) poderia indicar sexo ♀, mas perante as muitas marcas de músculos é mais provável tratar-se dum indivíduo ♂. A linha áspera está fortemente modelada. A largura da articulação inferior ressalta ainda mais, quando comparada com o comprimento total do osso (fig. 23, n.º 2).

E2 = Falta metade da cabeça do fémur, i.e., falta o trocânter maior. Segundo a medida da largura da articulação inferior (= 72 mm) trata-se, claramente, dum indivíduo ♂. A diáfise mostra sinais claros de platimeria. Adulto. Fortes marcas musculares (sem desenho).

E3 = Falta a articulação inferior. Está partido na diáfise. As fracas marcas de músculos indicam sexo ♀. A morfologia e as medidas falam igualmente a favor deste sexo. As medidas absolutas poderiam corresponder às de um indivíduo juvenil (fig. 24, n.º 2).

E4 = Está quase inteiro, faltando metade da articulação inferior. Há poucas marcas musculares. Diáfise comprida e grácil, portanto sexo provavelmente ♀. Adulto (fig. 24, n.º 1).

QUADRO 7
MEDIÇÕES DOS FÉMURES

FÉMURES	E1	E2	E3	E4	D1	D2	D3
Comprimento máximo	369	414	(380)	403	—	—	406
Comprimento máximo oblíquo	369	413	—	—	—	—	403
Largura da articulação inferior	67	72	—	—	—	—	68
Menor ϕ transversal da diáfise	25	27	21	24	—	—	24
Maior ϕ ântero-posterior da diáfise	30	28	23	27	—	—	26
Maior ϕ da cabeça	40	43	36	38	42	43	39
Ângulo do colo	120°	129°	130°	135°	136°	119°	132°
Sexo	♂	♂	♀	♀	(♂)	(♀)	♀
Idade	≥adulto	adulto	(adulto)	adulto	adulto	adulto	adulto
Altura da estatura, em m, segundo:							
Bach	—	—	1,57	1,60	—	—	1,60
Pearson	1,50	1,59	1,47	1,51	—	—	1,52
Manouvrier	1,44	1,59	1,47	1,53	—	—	1,53
Breitinger	1,55	1,62	—	—	—	—	—
Lorke	1,48	1,59	—	—	—	—	—

As medidas estão dadas em milímetros.

B2. Úmeros

Descrevem-se a seguir sete úmeros, todos direitos, publicando na escala 1:1, para futuras comparações, o maior e o menor dos úmeros, o que demonstra imediatamente a grande diferença de proporções entre eles.

D = Inteiro, embora fracturado e restaurado. Fracas marcas musculares, que indicam sexo ♀. Tem uma *foramen olecrani*. Adulto.

D2 = Inteiro. Adulto. Extremamente pequeno, provavelmente ♀, pois mostra poucas marcas musculares. Eixo central com pouca torsão. O peso (= 83 g) indica igualmente sexo ♀, tal como o diâmetro da cabeça³⁴ (fig. 25, n.º 2).

D3 = Está inteiro, mas falta o grande tubérculo. As marcas de músculos e o diâmetro da cabeça (= 49 mm) indicam sexo ♂. Adulto.

D4 = A *epicondylis medialis* não se conservou, deduzindo-se que ainda não estava ossificada, o que costuma acontecer entre o 15.º e o 17.º ano de vida. Os *tuberculi maius* e *minus*, respectivamente, estão juntos ao corpo, i.e., o indivíduo alcançou o 18.º ano de vida, altura na qual deve ter falecido. Forte estrutura óssea, com muitas marcas musculares que indicam sexo ♂.

D5 = Está fracturado e restaurado. Marcas musculares bem expressas, que indicam mais provavelmente sexo ♂. Adulto.

D6 = Inteiro. Fracas marcas musculares. ♀ ? . Adulto.

D7 = Inteiro, embora fracturado e restaurado. Os fortes traços musculares e o alto peso³⁵ indicam, com grande probabilidade, sexo ♂. O eixo central apresenta-se fortemente torcido (fig. 25, n.º 1).

³⁴ *Op. cit.* (nota 7), p. 44.

Os resultados finais expõem-se no quadro seguinte:

QUADRO 8
MEDIÇÕES DOS ÚMEROS

ÚMEROS	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7
Idade	≥ adulto	≥ adulto	≥ adulto	juvenil	≥ adulto	≥ adulto	≥ adulto
Sexo	♀	♀	♂	♂	(♂)	(♀)	(♂)
Peso em gramas	120	83	—	—	124	114	128
Diâmetro máximo da cabeça	44	34	49	—	50	48	49
Comprimento máximo	308	252	301	287	292	292	309
Estatutura, em m, segundo:							
Bach	1,64	1,52	—	—	—	1,61	—
Pearson	1,56	1,41	1,58	1,53	1,55	1,52	1,56
Manouvrier	1,58	—	1,57	1,53	(1,51)	1,54	1,58
Breitinger	—	—	1,63	1,59	1,60	—	—
Lorke	—	—	1,60	1,56	1,57	—	1,62

As medidas estão dadas em milímetros.

B3. Tibias

Tibias direitas

D1 = Tibia de estrutura muito forte e com muitas marcas de músculos que indicam claramente sexo ♂. Adulto.

D2 = Fracas marcas musculares que parecem indicar sexo ♀. Adulto.

D3 = Estrutura óssea grácil e com poucas marcas de músculos, o que deve ser entendido como indicador de sexo ♀, embora com alguma dúvida, pois, segundo as formas, parece tratar-se de um indivíduo jovem. Todas as suturas estão obliteradas.

Tibias esquerdas

E1 = Poucas marcas musculares que parecem indicar sexo ♀. Adulto.

E2 = Grandes e fortes marcas musculares que indicam claramente sexo ♂. Adulto.

QUADRO 9
MEDIÇÕES DAS TÍBIAS

TÍBIAS	D1	D2	D3	E1	E2
Idade	≥ adulto	≥ adulto	jovem	≥ adulto	≥ adulto
Sexo	♂	♀	♀	♀	♂
Comprimento máximo, em mm	344	324	316	349	336
Estatutura, em m, segundo:					
Bach	—	1,53	1,51	1,57	—
Pearson	1,60	1,51	1,49	1,57	1,58
Manouvrier	1,63	1,53	1,50	1,59	1,56
Breitinger	1,64	—	—	—	1,62
Lorke	1,62	—	—	—	1,61

As medidas estão dadas em milímetros.

B4. Rádios

D1 = É este o único rádio conservado, apresentando-se inteiro e em bom estado de conservação. Adulto. De estrutura fina e grácil, provavelmente sexo ♀. Comprimento máximo: 208 mm, do que resulta a seguinte estatura, conforme os autores: Bach: 1,57 m; Pearson: 1,51 m; Manouvrier: 1,52 m.

Item	Medida								
1	208	157	151	152	157	151	152	157	151
2	157	151	152	157	151	152	157	151	152
3	151	152	157	151	152	157	151	152	157
4	152	157	151	152	157	151	152	157	151
5	157	151	152	157	151	152	157	151	152
6	151	152	157	151	152	157	151	152	157
7	152	157	151	152	157	151	152	157	151
8	157	151	152	157	151	152	157	151	152
9	151	152	157	151	152	157	151	152	157
10	152	157	151	152	157	151	152	157	151
11	157	151	152	157	151	152	157	151	152
12	151	152	157	151	152	157	151	152	157
13	152	157	151	152	157	151	152	157	151
14	157	151	152	157	151	152	157	151	152
15	151	152	157	151	152	157	151	152	157
16	152	157	151	152	157	151	152	157	151
17	157	151	152	157	151	152	157	151	152
18	151	152	157	151	152	157	151	152	157
19	152	157	151	152	157	151	152	157	151
20	157	151	152	157	151	152	157	151	152
21	151	152	157	151	152	157	151	152	157
22	152	157	151	152	157	151	152	157	151
23	157	151	152	157	151	152	157	151	152
24	151	152	157	151	152	157	151	152	157
25	152	157	151	152	157	151	152	157	151
26	157	151	152	157	151	152	157	151	152
27	151	152	157	151	152	157	151	152	157
28	152	157	151	152	157	151	152	157	151
29	157	151	152	157	151	152	157	151	152
30	151	152	157	151	152	157	151	152	157
31	152	157	151	152	157	151	152	157	151
32	157	151	152	157	151	152	157	151	152
33	151	152	157	151	152	157	151	152	157
34	152	157	151	152	157	151	152	157	151
35	157	151	152	157	151	152	157	151	152
36	151	152	157	151	152	157	151	152	157
37	152	157	151	152	157	151	152	157	151
38	157	151	152	157	151	152	157	151	152
39	151	152	157	151	152	157	151	152	157
40	152	157	151	152	157	151	152	157	151
41	157	151	152	157	151	152	157	151	152
42	151	152	157	151	152	157	151	152	157
43	152	157	151	152	157	151	152	157	151
44	157	151	152	157	151	152	157	151	152
45	151	152	157	151	152	157	151	152	157
46	152	157	151	152	157	151	152	157	151
47	157	151	152	157	151	152	157	151	152
48	151	152	157	151	152	157	151	152	157
49	152	157	151	152	157	151	152	157	151
50	157	151	152	157	151	152	157	151	152
51	151	152	157	151	152	157	151	152	157
52	152	157	151	152	157	151	152	157	151
53	157	151	152	157	151	152	157	151	152
54	151	152	157	151	152	157	151	152	157
55	152	157	151	152	157	151	152	157	151
56	157	151	152	157	151	152	157	151	152
57	151	152	157	151	152	157	151	152	157
58	152	157	151	152	157	151	152	157	151
59	157	151	152	157	151	152	157	151	152
60	151	152	157	151	152	157	151	152	157
61	152	157	151	152	157	151	152	157	151
62	157	151	152	157	151	152	157	151	152
63	151	152	157	151	152	157	151	152	157
64	152	157	151	152	157	151	152	157	151
65	157	151	152	157	151	152	157	151	152
66	151	152	157	151	152	157	151	152	157
67	152	157	151	152	157	151	152	157	151
68	157	151	152	157	151	152	157	151	152
69	151	152	157	151	152	157	151	152	157
70	152	157	151	152	157	151	152	157	151
71	157	151	152	157	151	152	157	151	152
72	151	152	157	151	152	157	151	152	157
73	152	157	151	152	157	151	152	157	151
74	157	151	152	157	151	152	157	151	152
75	151	152	157	151	152	157	151	152	157
76	152	157	151	152	157	151	152	157	151
77	157	151	152	157	151	152	157	151	152
78	151	152	157	151	152	157	151	152	157
79	152	157	151	152	157	151	152	157	151
80	157	151	152	157	151	152	157	151	152
81	151	152	157	151	152	157	151	152	157
82	152	157	151	152	157	151	152	157	151
83	157	151	152	157	151	152	157	151	152
84	151	152	157	151	152	157	151	152	157
85	152	157	151	152	157	151	152	157	151
86	157	151	152	157	151	152	157	151	152
87	151	152	157	151	152	157	151	152	157
88	152	157	151	152	157	151	152	157	151
89	157	151	152	157	151	152	157	151	152
90	151	152	157	151	152	157	151	152	157
91	152	157	151	152	157	151	152	157	151
92	157	151	152	157	151	152	157	151	152
93	151	152	157	151	152	157	151	152	157
94	152	157	151	152	157	151	152	157	151
95	157	151	152	157	151	152	157	151	152
96	151	152	157	151	152	157	151	152	157
97	152	157	151	152	157	151	152	157	151
98	157	151	152	157	151	152	157	151	152
99	151	152	157	151	152	157	151	152	157
100	152	157	151	152	157	151	152	157	151

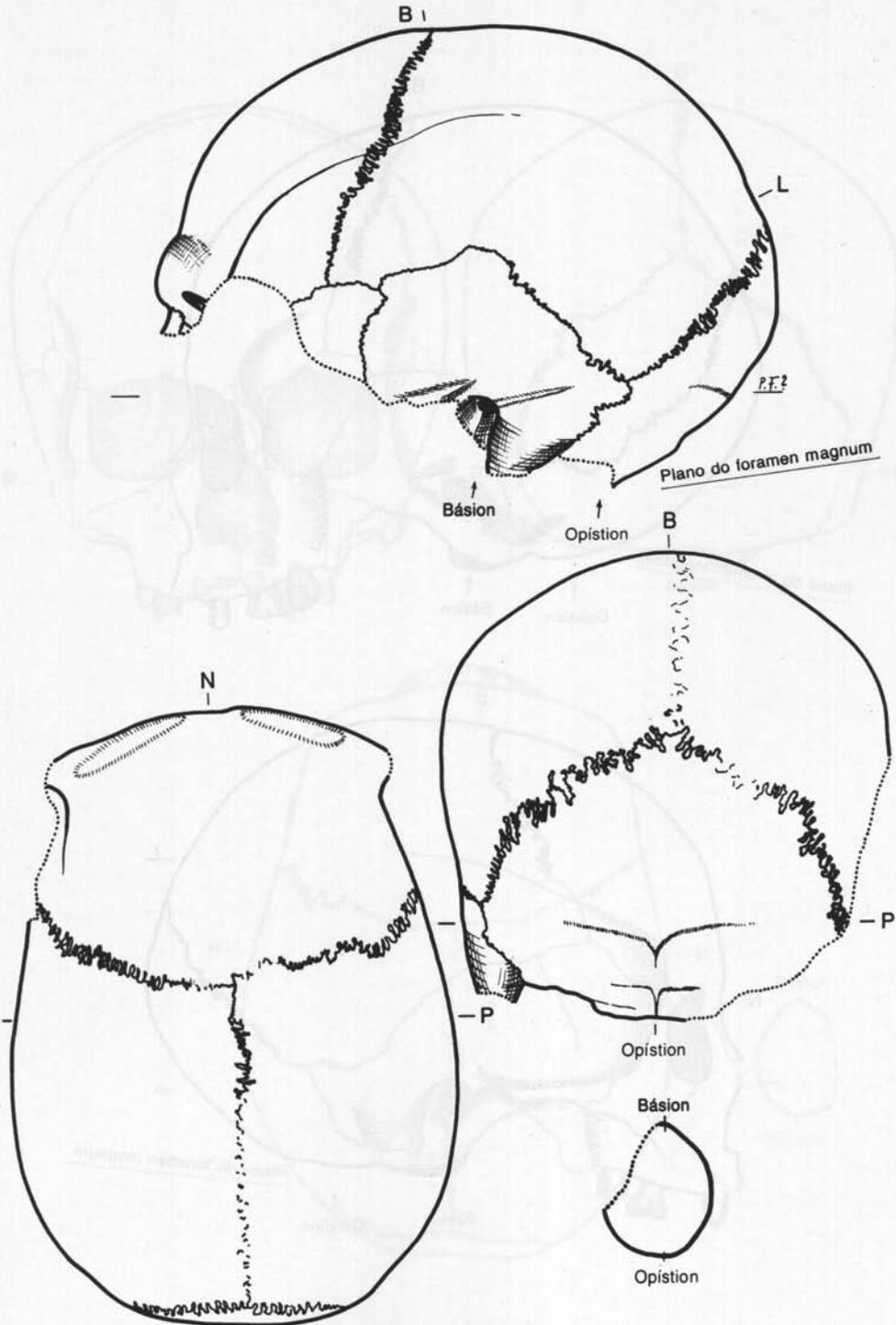


Fig. 2 — Crânio 1.

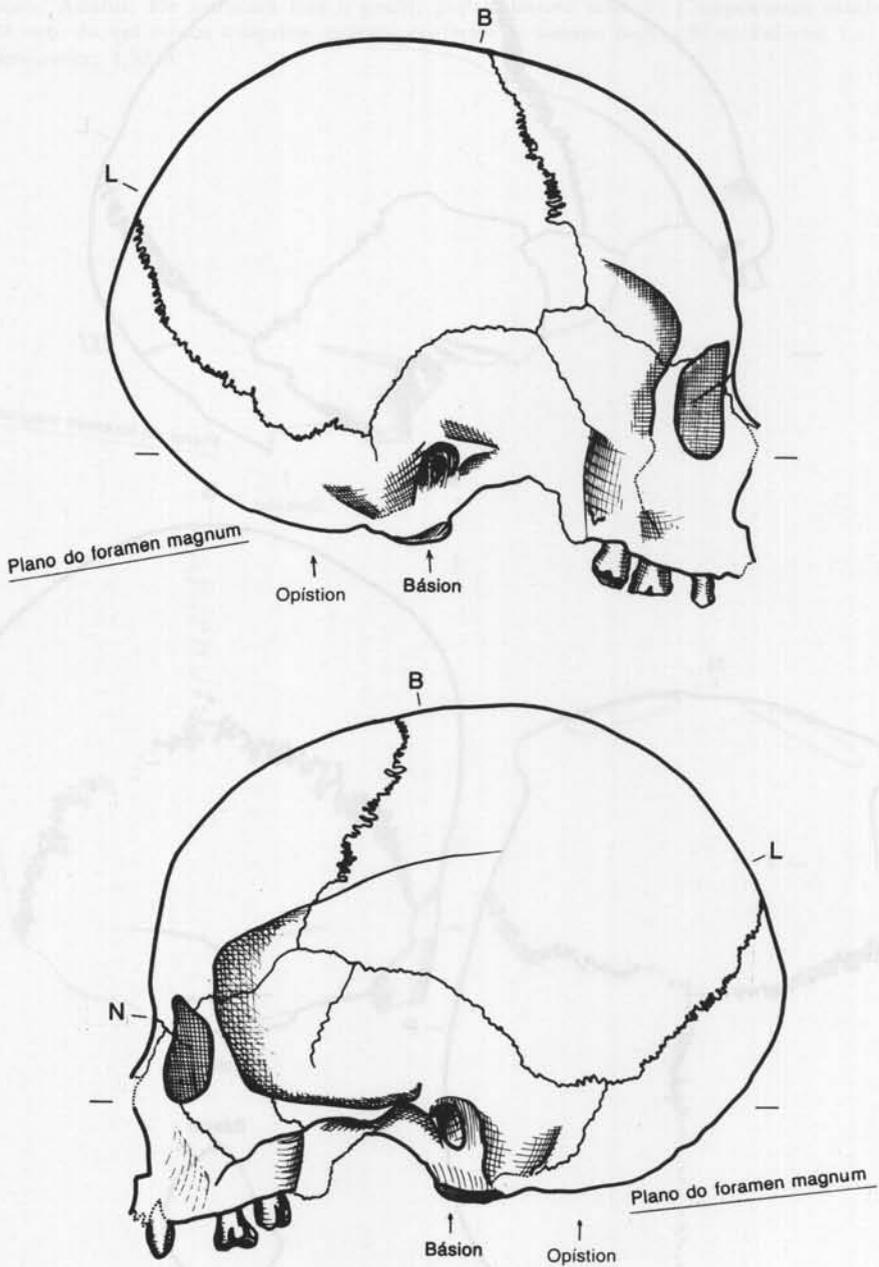


Fig. 3 — Crânio 2.

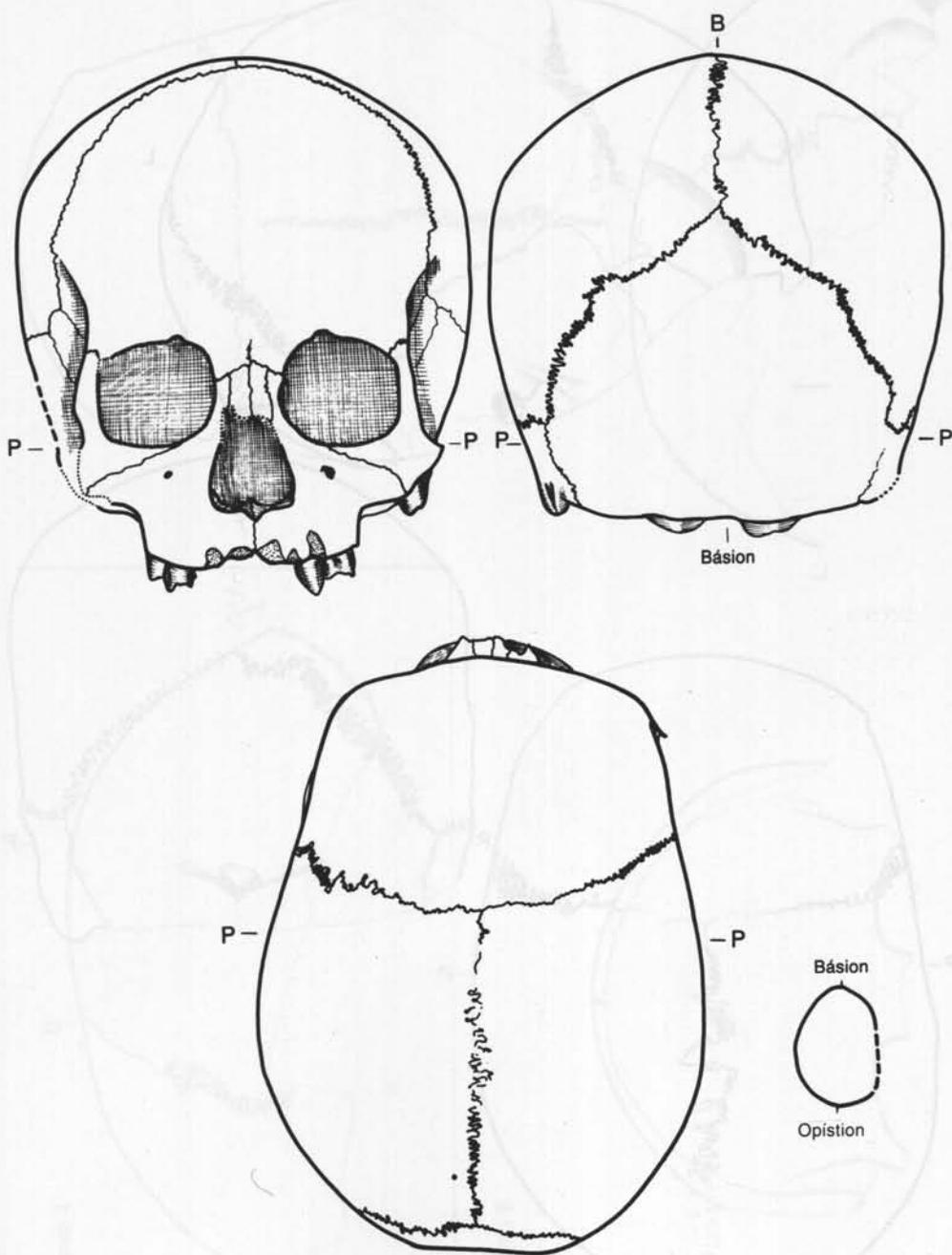


Fig. 4 — Crânio 2.

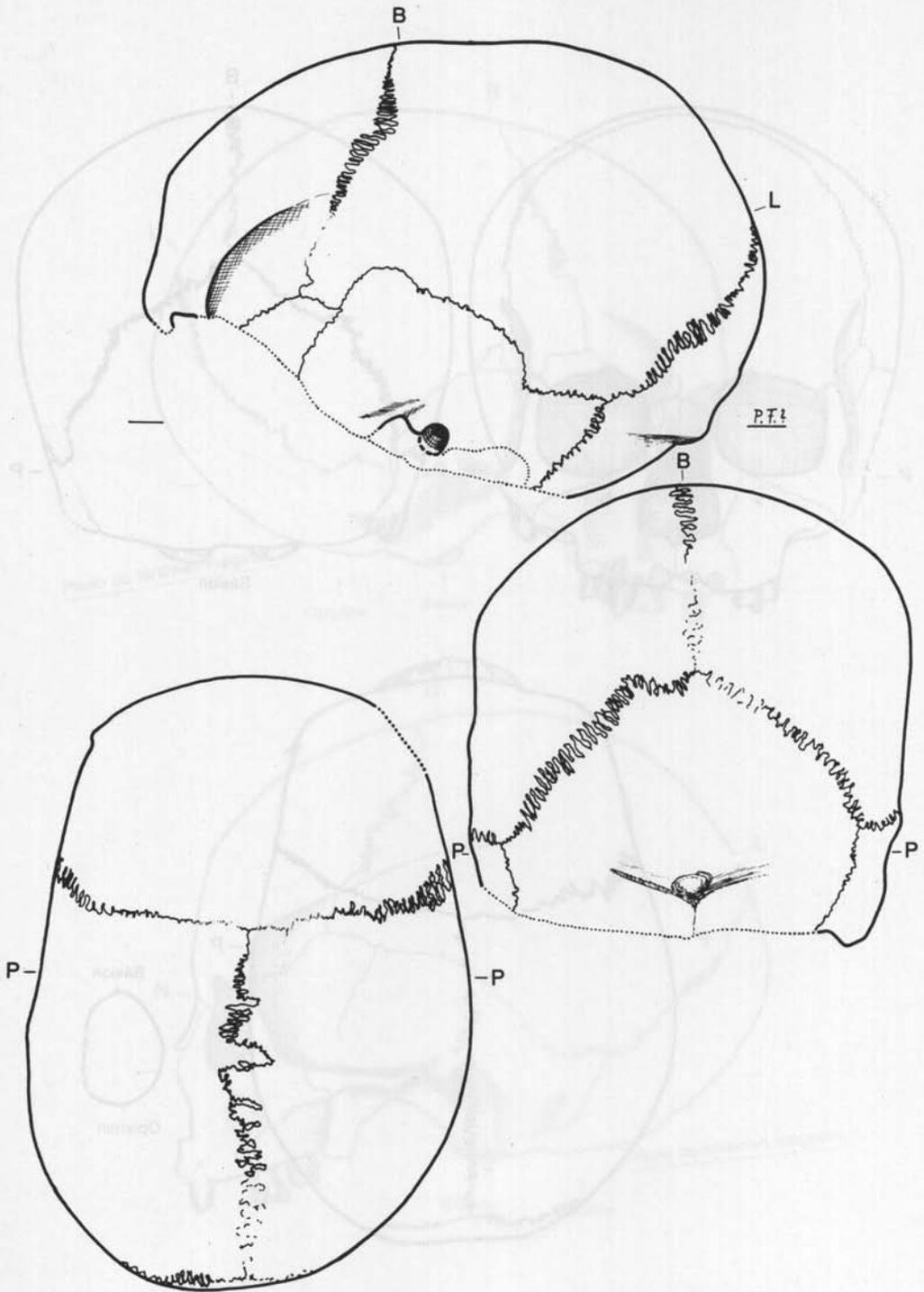


Fig. 5 — Crânio 3.

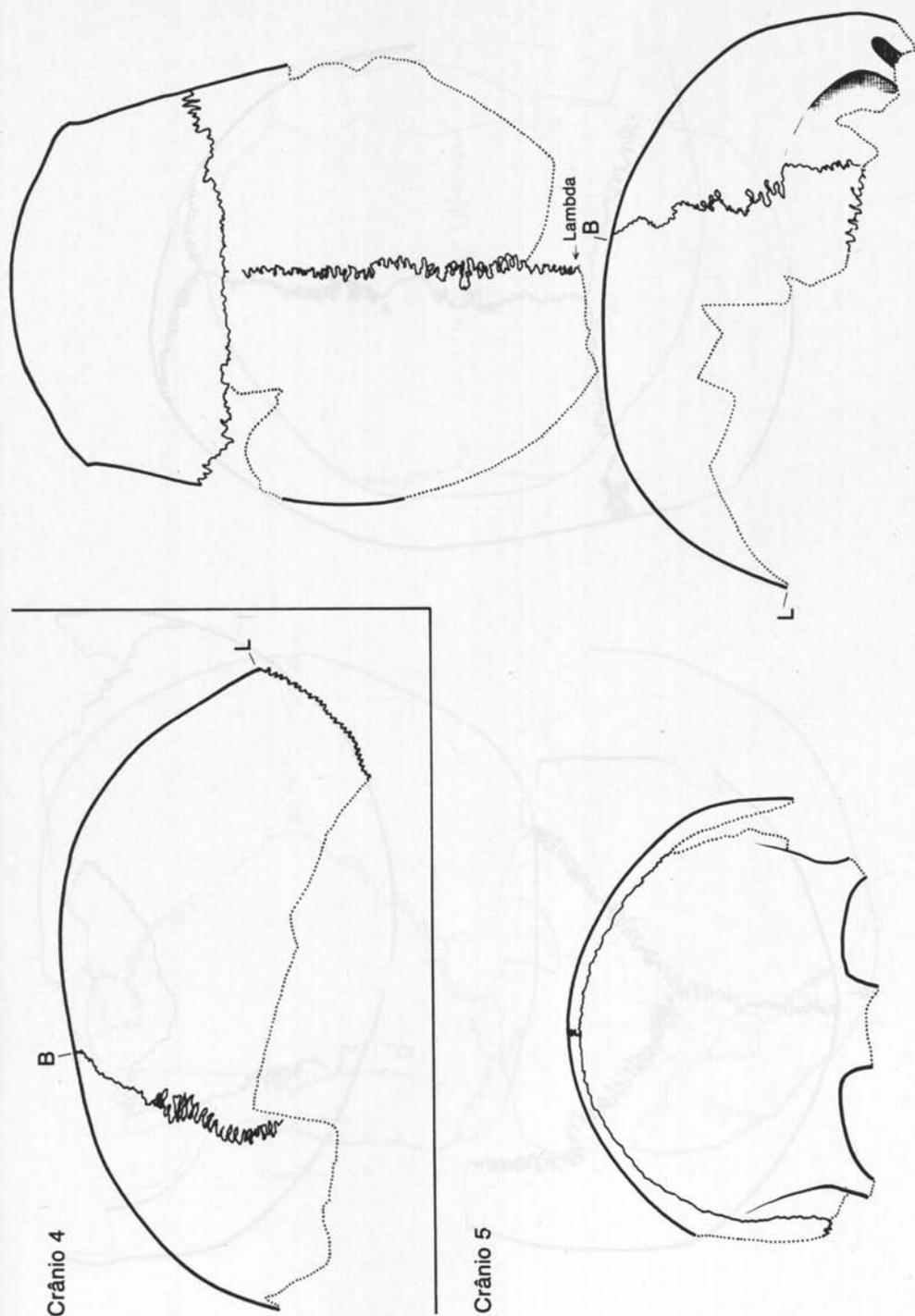


Fig. 6 — Crânios 4 e 5.

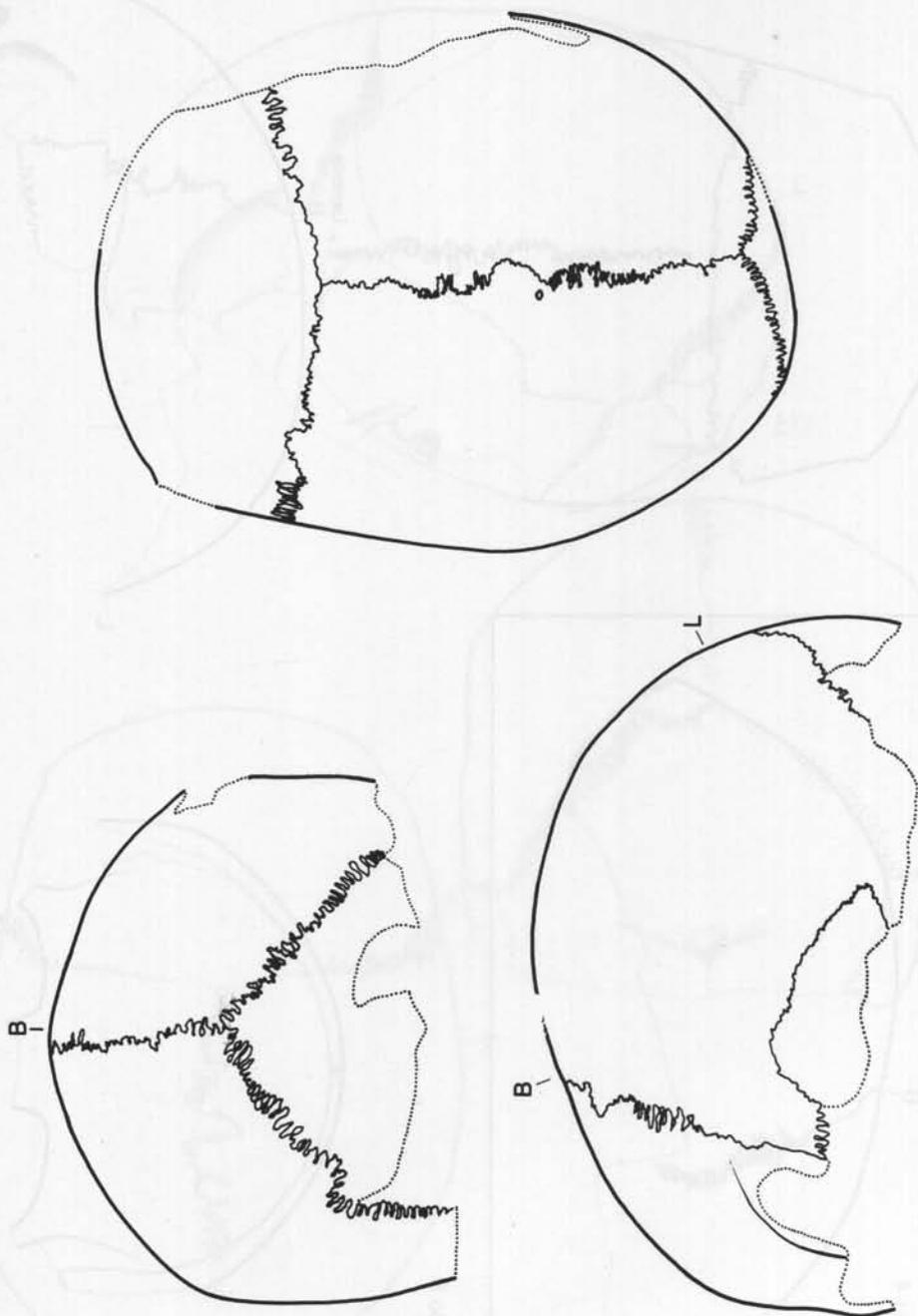


Fig. 7 — Crânio 6.

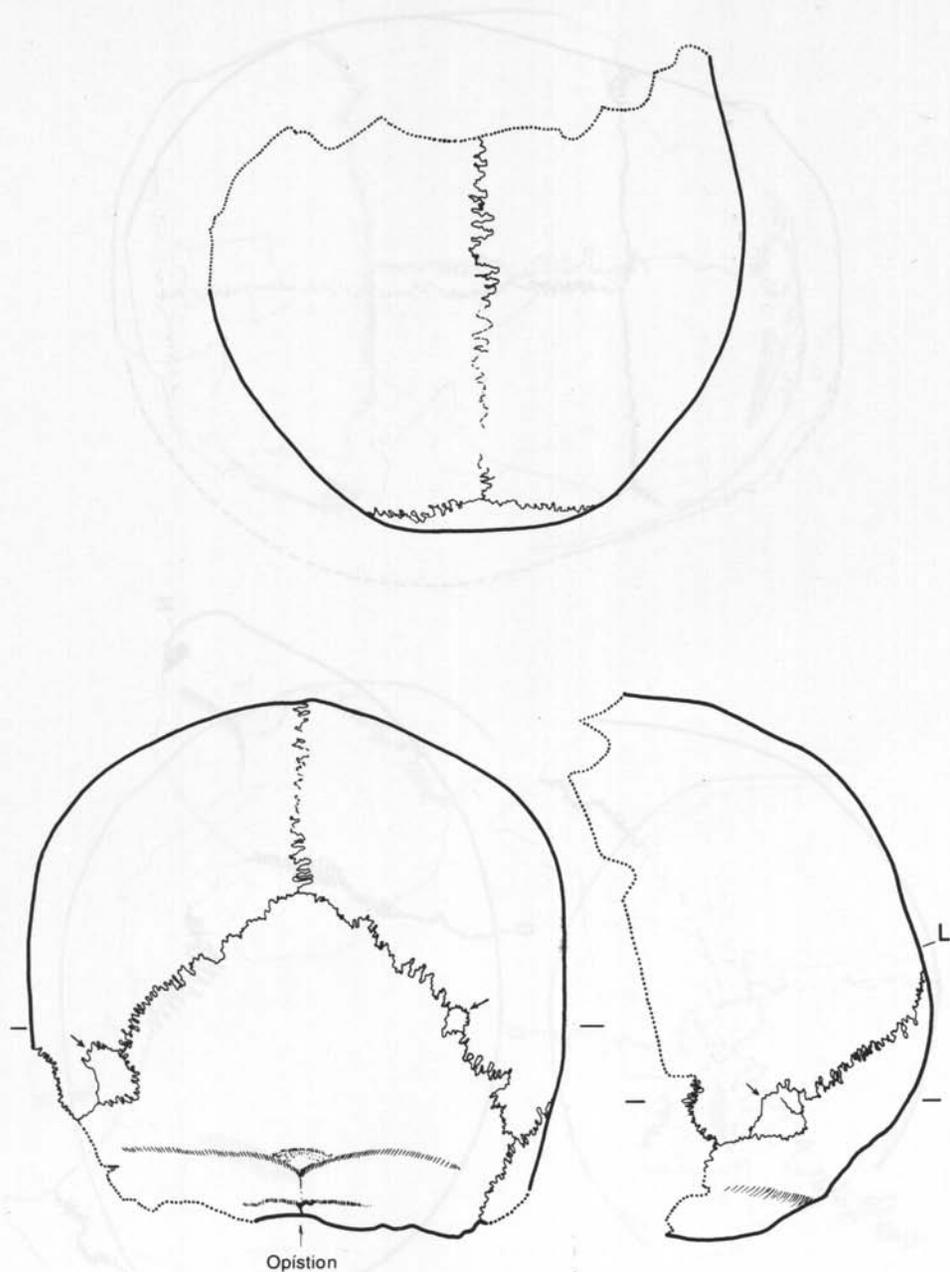


Fig. 8 — Crânio 7.

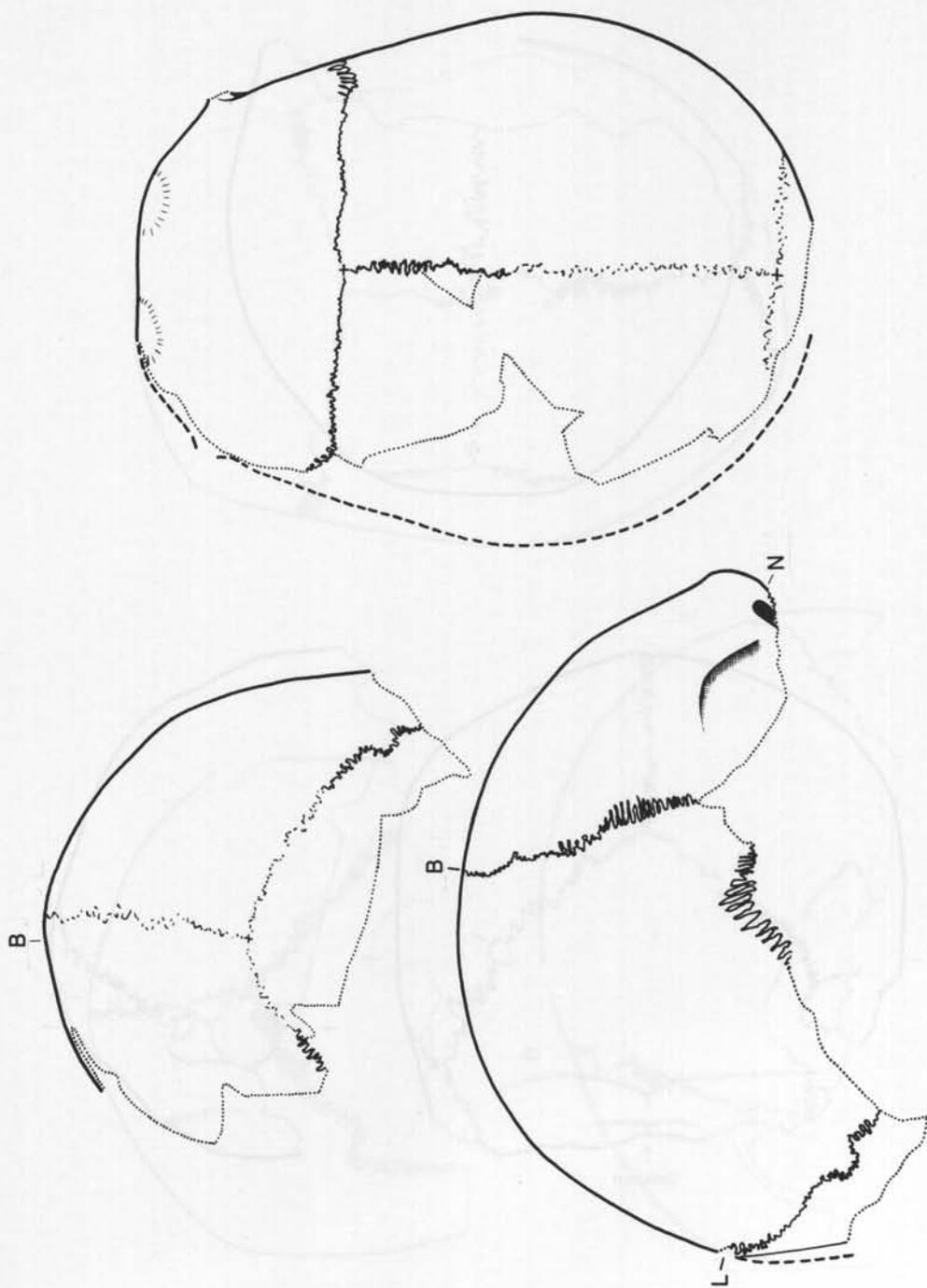


Fig. 9 — Crânio 8.

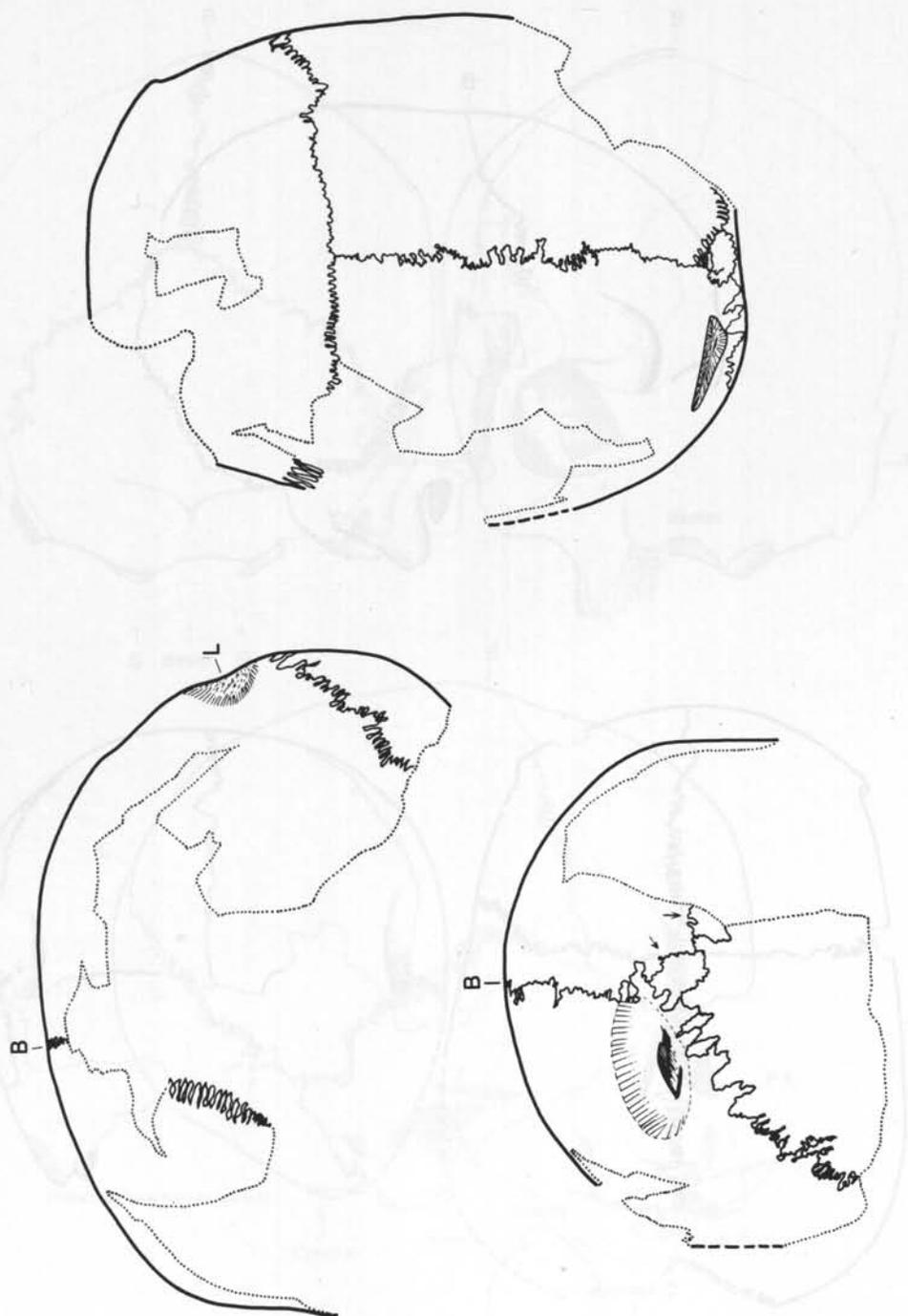


Fig. 10 — Crânio 9.

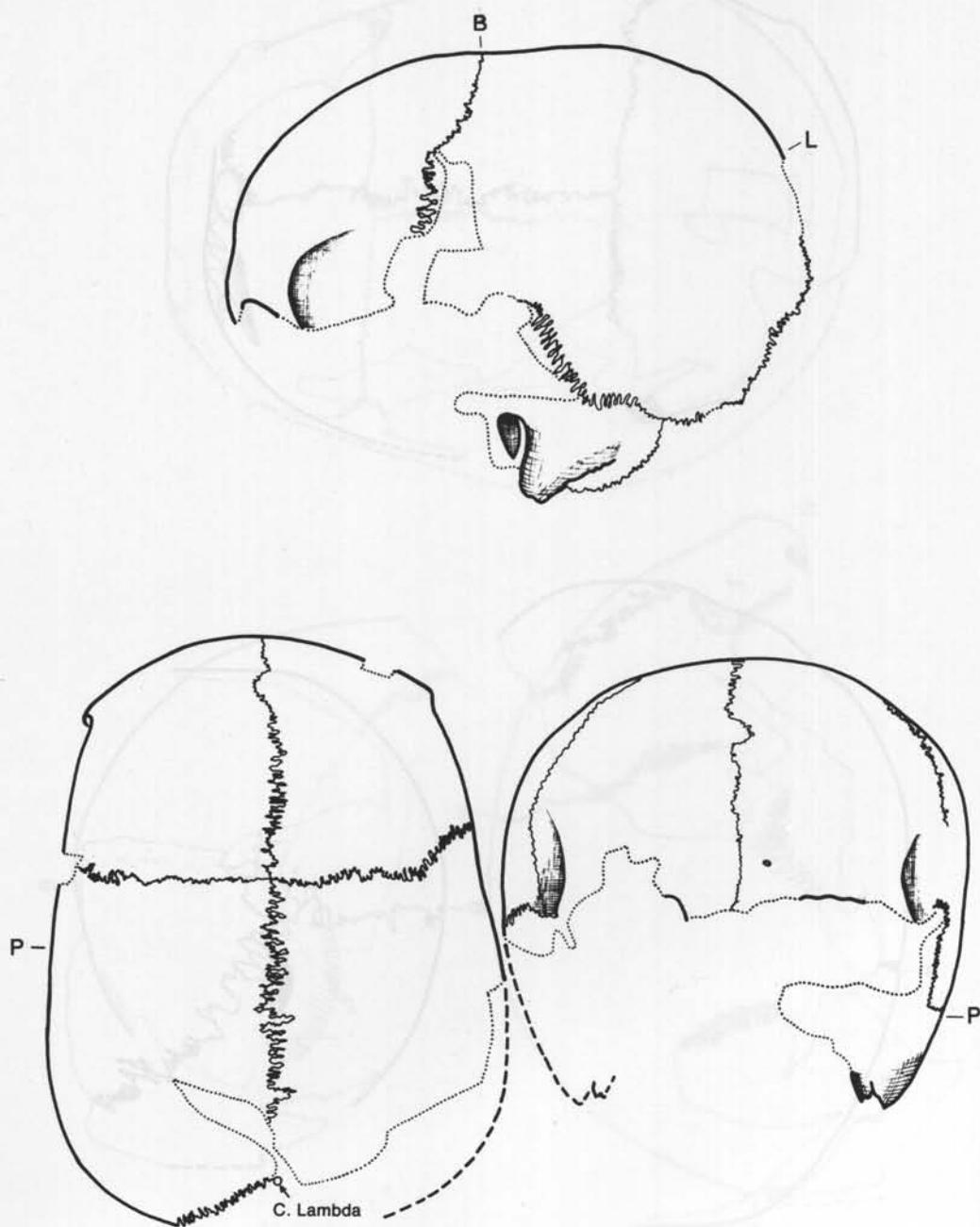


Fig. 11 — Crânio 10.

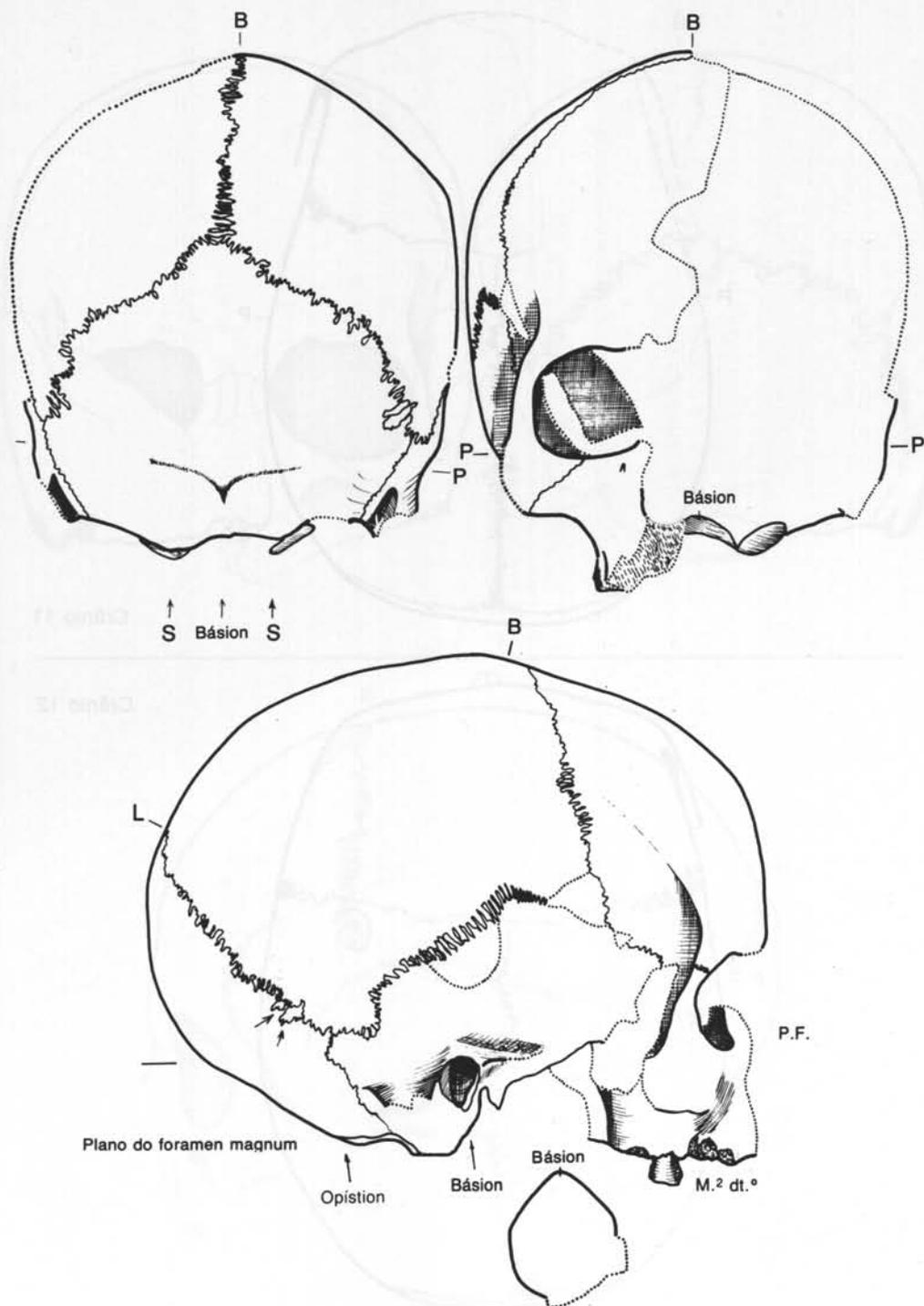
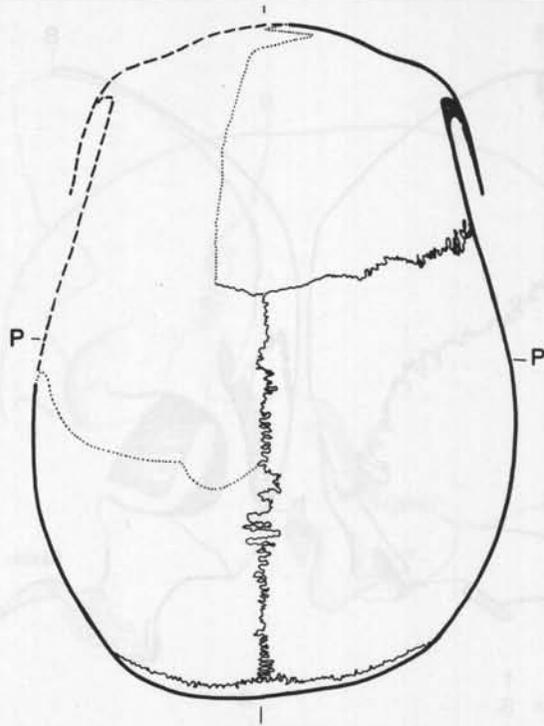
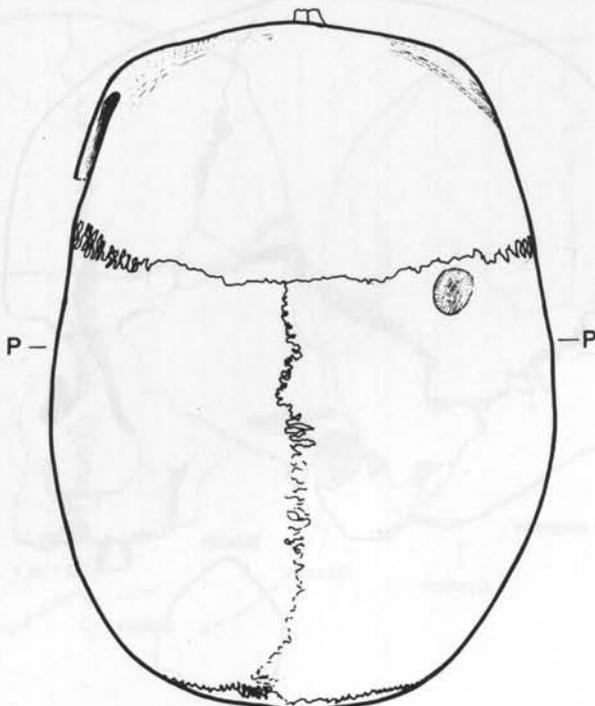


Fig. 12 — Crânio 11.



Crânio 11



Crânio 12

Fig. 13 — Crânios 11 e 12.

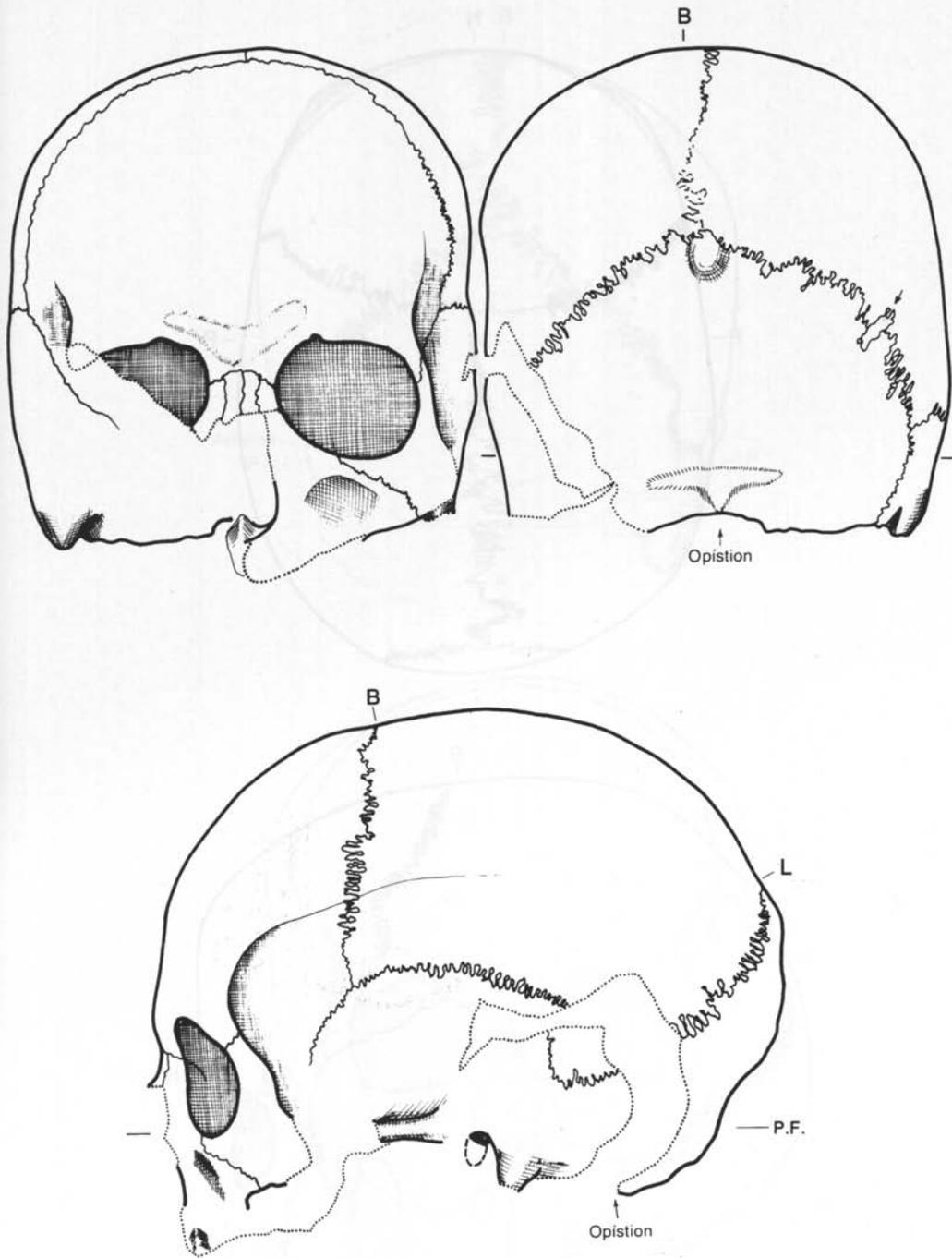


Fig. 14 — Crânio 12.

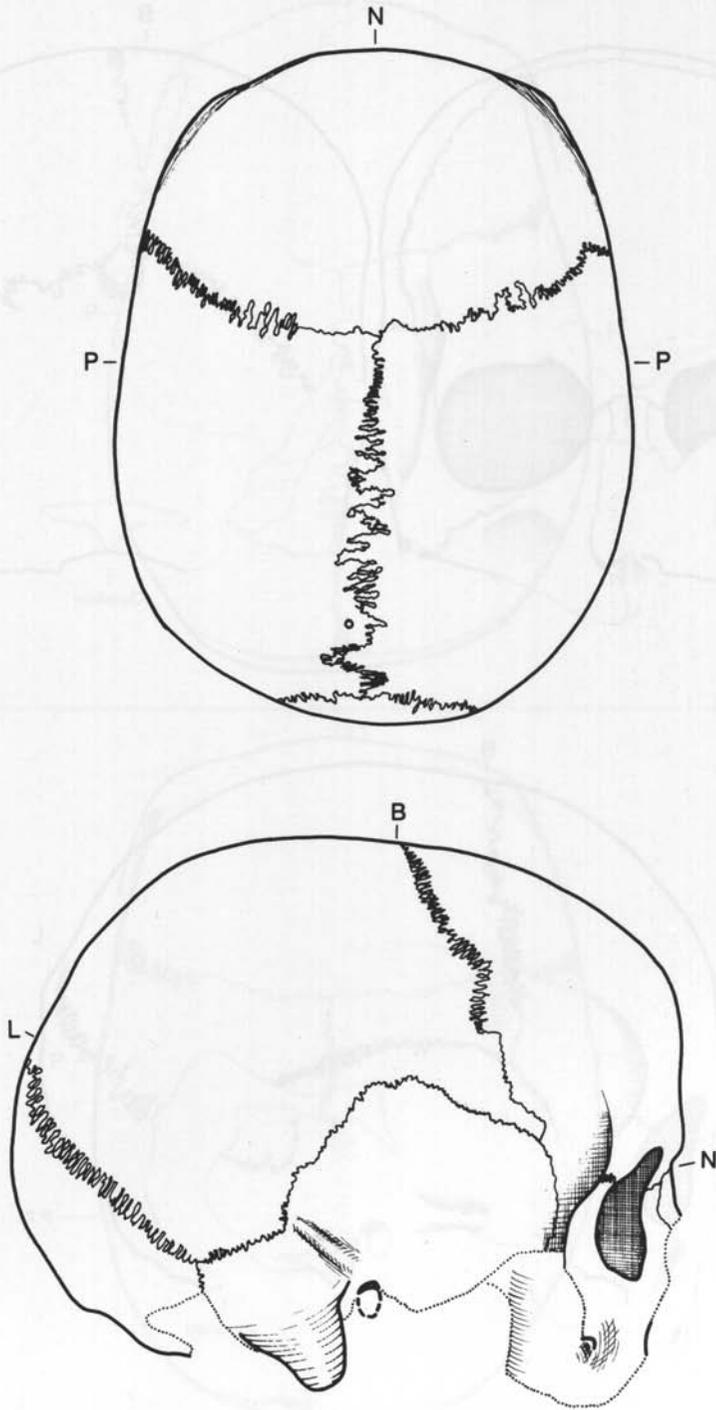


Fig. 15 — Crânio 13.

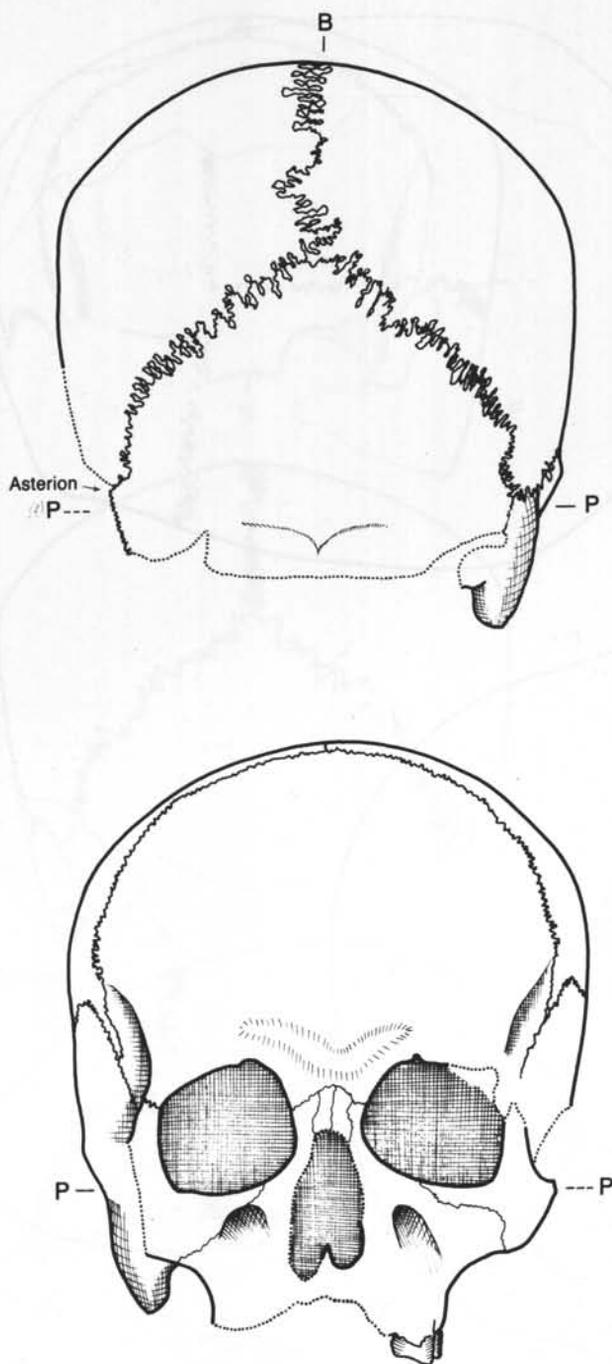


Fig. 16 — Crânio 13.

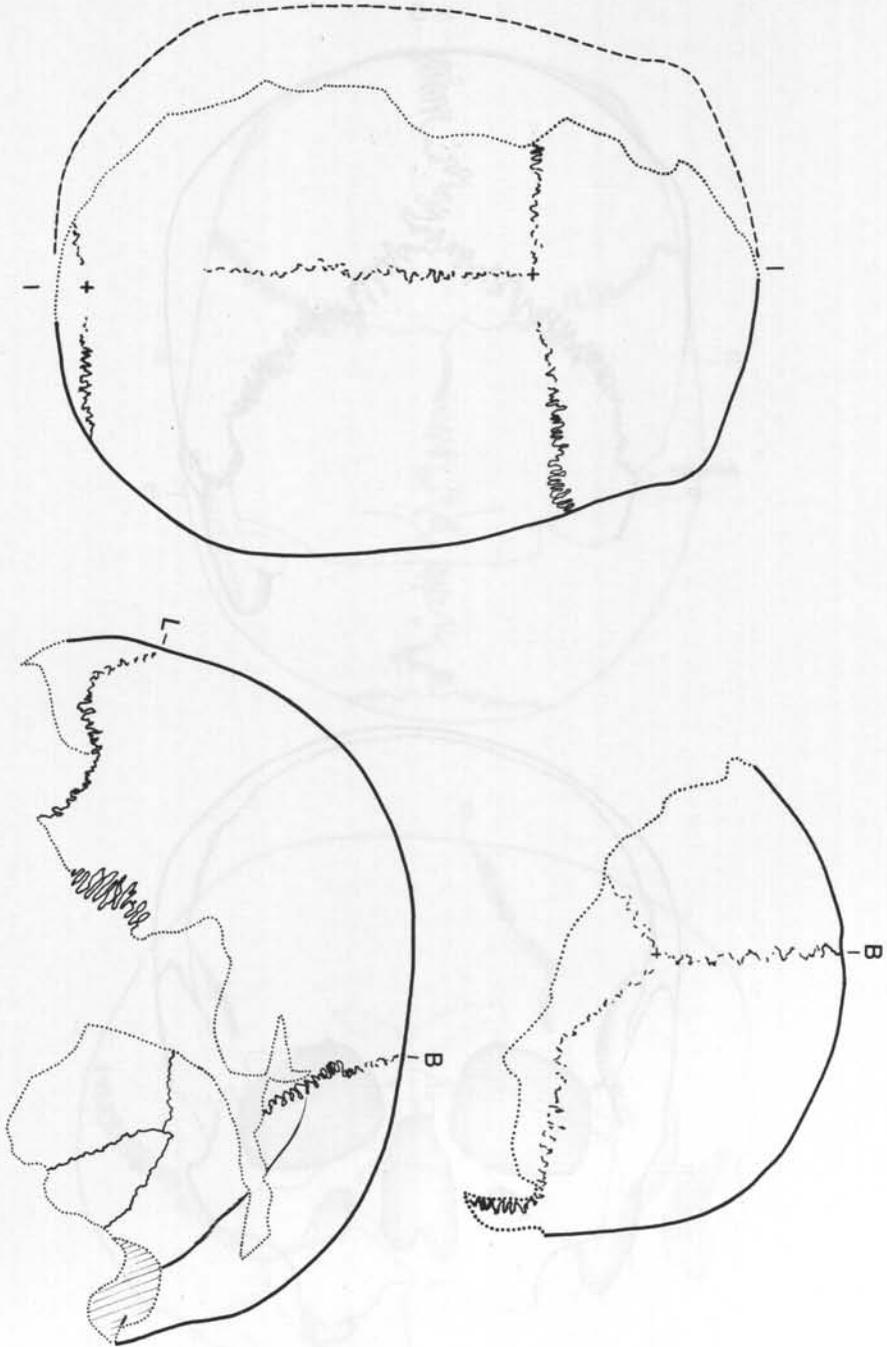


Fig. 17 — Crânio 14.

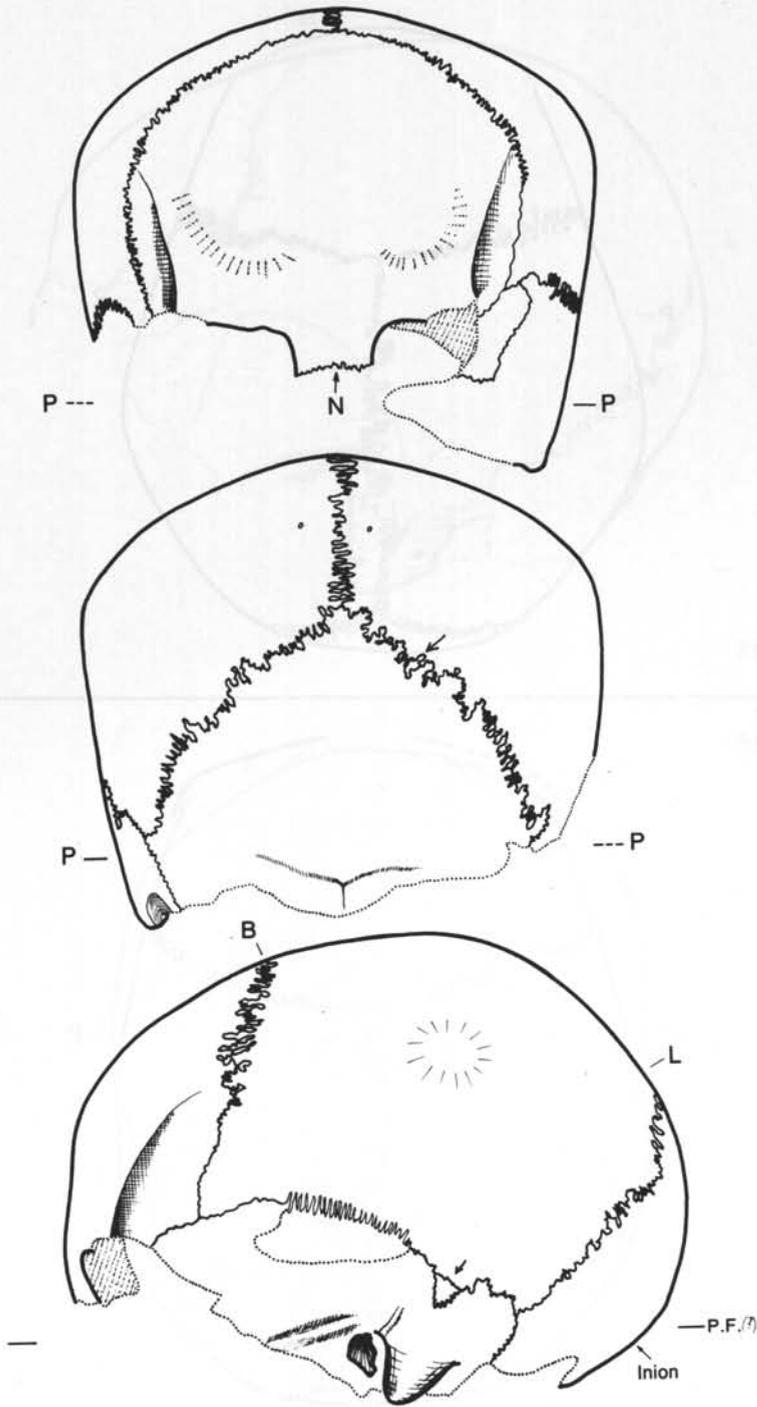


Fig. 18 — Crânio 15.

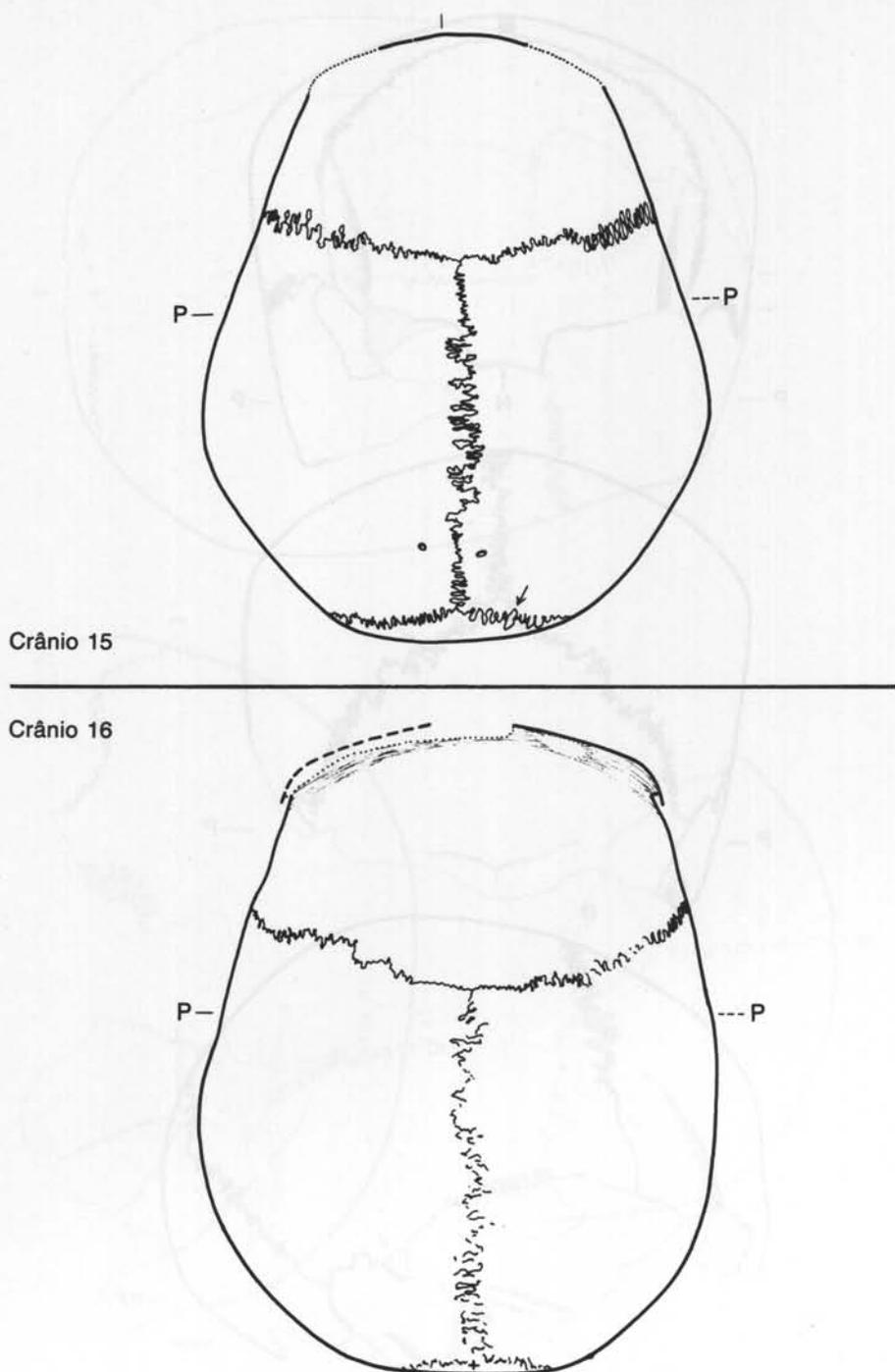


Fig. 19 — Crânios 15 e 16.

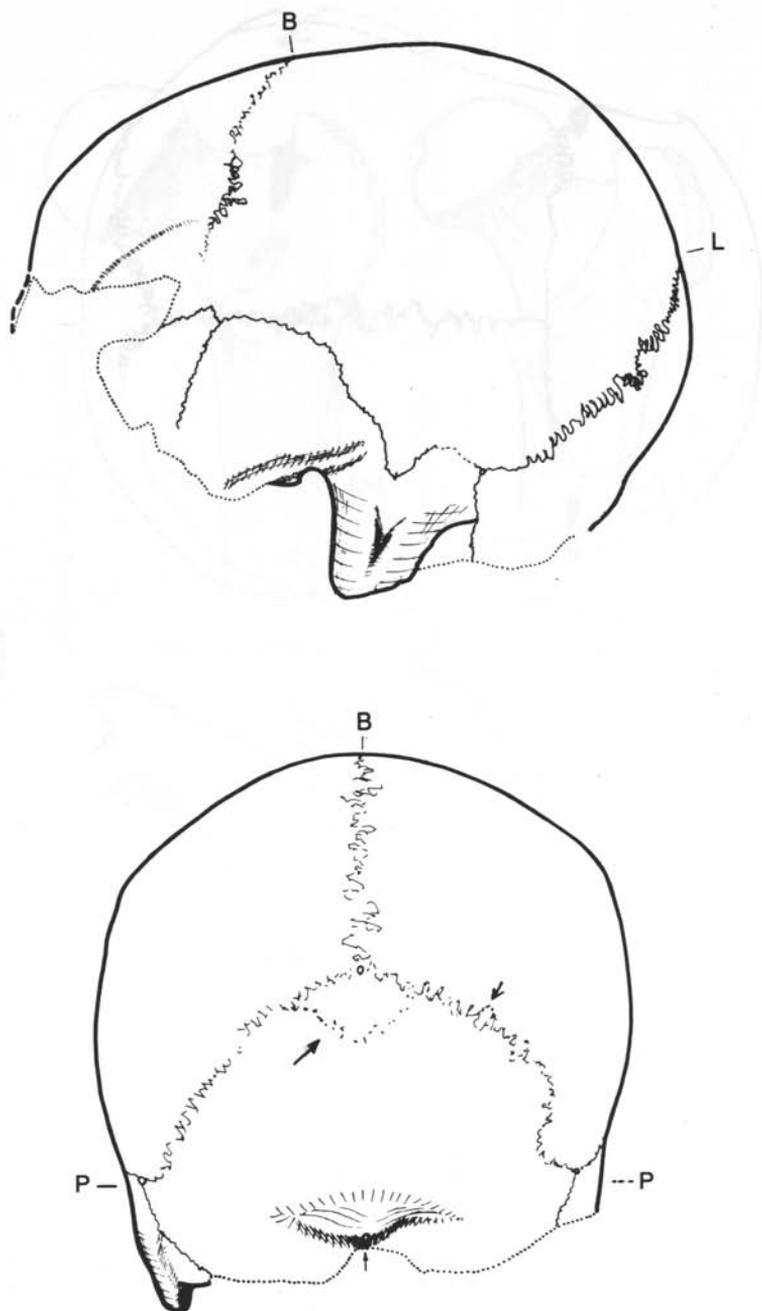


Fig. 20 — Crânio 16.

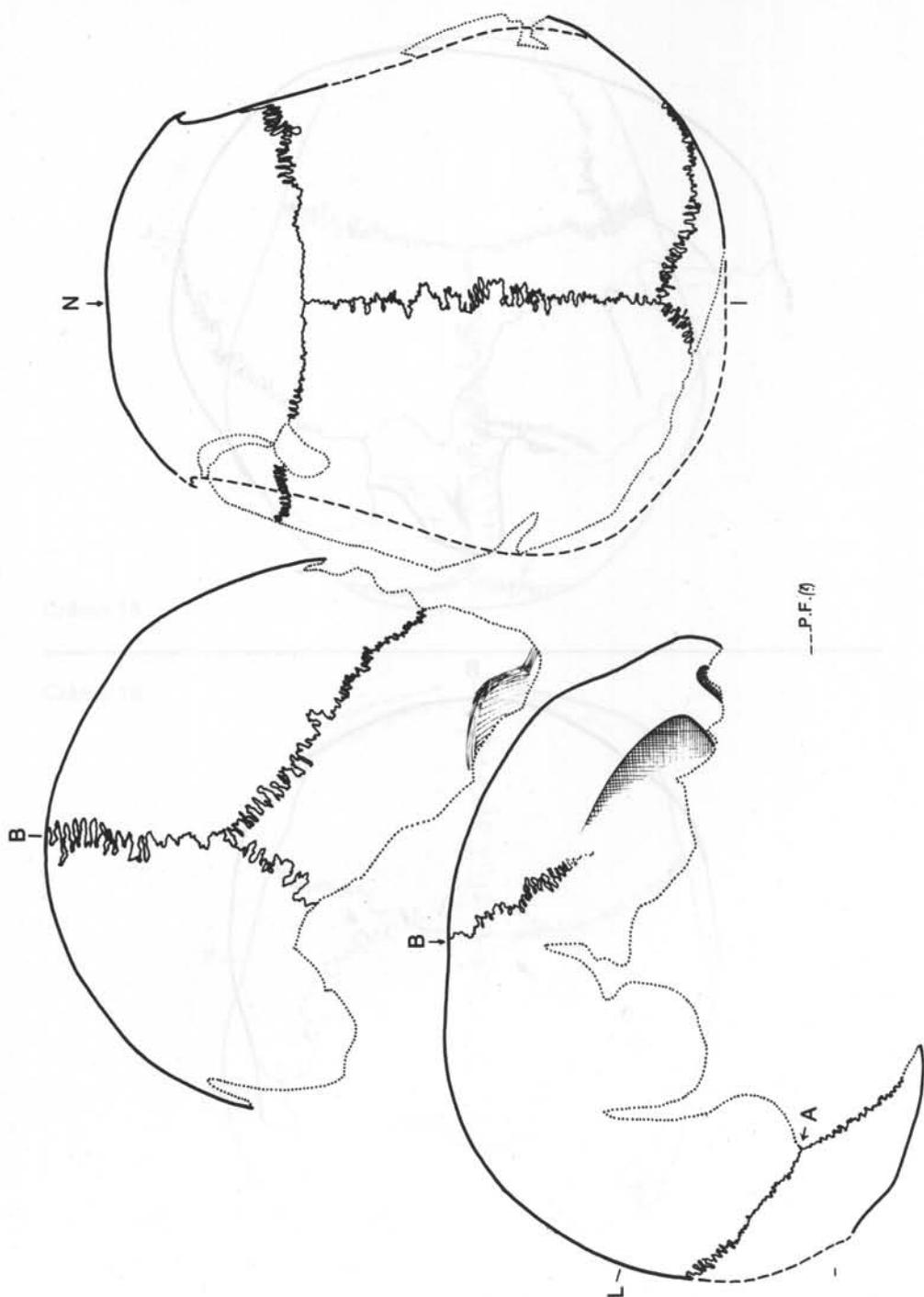


Fig. 21 — Crânio 17.

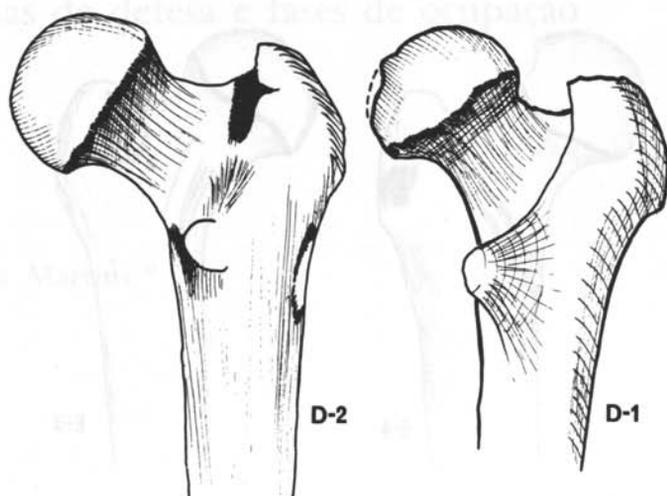


Fig. 22 — Fémures D2 (n.º 1) e D1 (n.º 2).

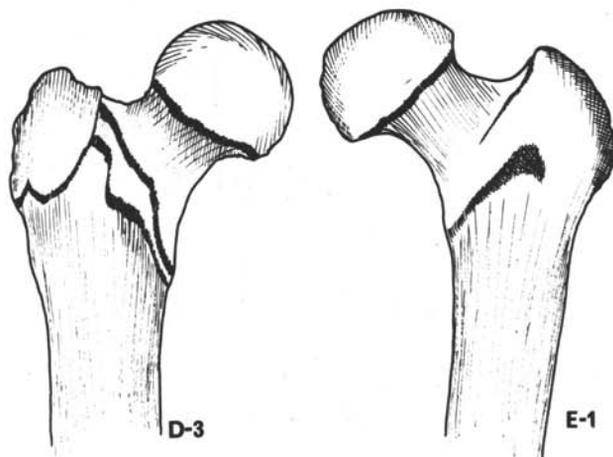


Fig. 23 — Fémures D3 (n.º 1) e E1 (n.º 2).

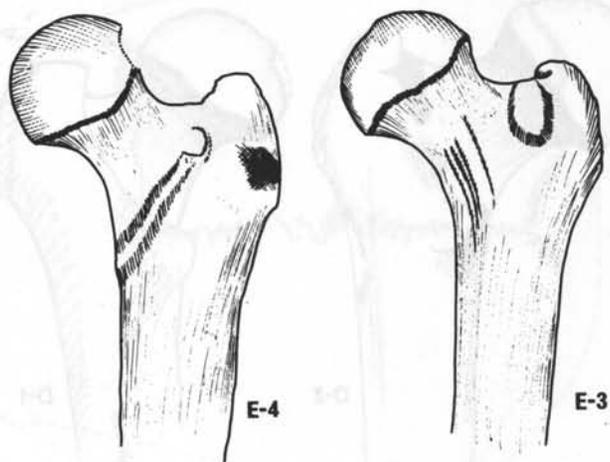


Fig. 24 — Fémures E4 (n.º 1) e E3 (n.º 2).

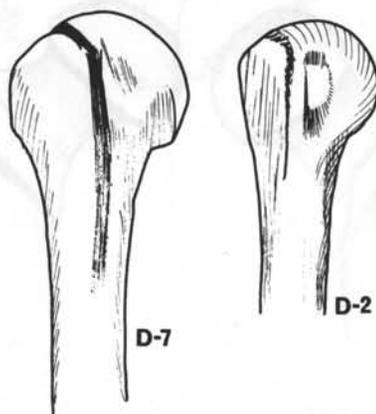


Fig. 25 — Úmeros D7 (n.º 1) e D2 (n.º 2).